



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO ACADÊMICO DO AGRESTE
NÚCLEO DE GESTÃO
CURSO DE ADMINISTRAÇÃO

ALTIENE CABRAL DOS SANTOS

**PRODUÇÃO INFORMAL DE CONFECÇÕES EM CARUARU: estudos de
caso de alguns processos produtivos e suas condições de trabalho**

Caruaru
2019

ALTIENE CABRAL DOS SANTOS

PRODUÇÃO INFORMAL DE CONFECÇÕES EM CARUARU: estudos de caso de alguns processos produtivos e suas condições de trabalho

Trabalho apresentado à Coordenação do Curso de Graduação em Administração, da Universidade Federal de Pernambuco, Centro Acadêmico do Agreste, como requisito parcial a obtenção do título de Bacharel em Administração.

Orientadora: Profa. Dra. Cláudia Freire

Caruaru

2019

Catálogo na fonte:
Bibliotecária – Simone Xavier - CRB/4 - 1242

S237p Santos, Altiane Cabral dos.
Produção informal de confecções em Caruaru: estudos de caso de alguns
processos produtivos e suas condições de trabalho. / Altiane Cabral dos Santos.
– 2019.

80 f. ; il. : 30 cm.

Orientadora: Cláudia Freire.

Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso) – Universidade Federal de
Pernambuco, CAA, Administração, 2019.

Inclui Referências.

1. Processo produtivo. 2. Condições de trabalho. 3. Setor informal. 4.
Empreendedorismo. 5. Setor têxtil. I. Freire, Cláudia (Orientadora). II. Título.

CDD 658 (23. ed.)

UFPE (CAA 2019-

ALTIENE CABRAL DOS SANTOS

PRODUÇÃO INFORMAL DE CONFECÇÕES EM CARUARU: estudos de caso de alguns processos produtivos e suas condições de trabalho

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao núcleo de Gestão da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Administração.

Aprovado em: 09 /10/2019.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dra. Cláudia Freire (Orientadora)

Universidade Federal de Pernambuco - Centro Acadêmico do Agreste

Prof. Dra. Ana Marcia Batista Almeida Pereira (Examinadora)

Universidade Federal de Pernambuco - Centro Acadêmico do Agreste

Prof. Dra. Monaliza de Oliveira Ferreira (Examinadora)

Universidade Federal de Pernambuco - Centro Acadêmico do Agreste

Dedico este trabalho a todos da minha família, que me ajudaram e apoiaram em todos os momentos difíceis, meus amigos e a todos que me incentivam a alcançar meus objetivos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a Deus, por cada dia me manter firme e me dar forças para continuar a cada dia dessa jornada.

Agradeço imensamente a minha família, minha mãe Graça e minha irmã Graziela, ao meu pai Antônio que não está mais aqui, que sempre me apoiou e me incentivou em todos os momentos da minha vida, inclusive na vida acadêmica e foi uma das razões para que eu chegasse até aqui.

Agradeço aos professores do curso, principalmente a maravilhosa professora Claudia Freire que desde o início me incentivou, auxiliou e aceitou o projeto sem hesitar, e com todo seu conhecimento, habilidade e paciência possibilitou a conclusão deste projeto.

Aos meus amigos que conheci durante a graduação e levarei para a vida, Edilene, Higo, Luciana, Venâncio e Sandra e muitos outros que cruzaram meu caminho, e tornaram meus dias melhores e me ajudaram de alguma forma. Gostaria também de agradecer a uma amiga em especial, uma irmã mais velha que a vida me deu, Aldrieli, que me ajudou bastante neste projeto, inclusive me indicando alguns dos entrevistados.

Agradeço também á todos os participantes da pesquisa, por abrirem seus empreendimentos sem medir esforços, possibilitando a realização da pesquisa, meu muito obrigado á todos.

Por último, agradeço de maneira geral a todos aqueles que de forma direta ou indireta contribuíram para minha trajetória e me fizeram chegar até aqui, a vocês minha imensa gratidão.

“Um diamante é um pedaço de carvão que se saiu bem sob pressão”.

(Mestre Ariévlis)

RESUMO

A informalidade é um dos elementos básicos para estruturar micro empreendimentos de confecções no Agreste pernambucano. Considerando a importância da atuação deste tipo de empreendimento na região e das suas características próprias, a presente pesquisa teve como objetivo geral analisar os processos produtivos e condições de trabalho adotadas por microempreendedores de confecção em Caruaru/PE, para entender a dinâmica da produção informal local. Para alcançar tal objetivo, foi realizada uma pesquisa qualitativa, descritiva, através do estudo de campo, utilizando roteiro de entrevista semiestruturado com seis microempreendedores informais da confecção, sobre as características dos seus processos produtivos e respectivas condições de trabalho, a fim de entender a dinâmica da produção informal, com base na cultura local. A revisão de literatura abordou de forma contextualizada os quatro temas pertinentes ao objetivo da pesquisa: informalidade, processo de trabalho e condições de trabalho e empreendedorismo por necessidade. E os depoimentos que resultaram das entrevistas foram expostos em três quadros de análise com informações sobre o perfil dos entrevistados, as características do processo produtivo e suas respectivas condições de trabalho. Os dados obtidos foram interpretados e com estes foi possível observar que a informalidade na região se dá de forma histórica e intensa, são regidas por relações de parentesco e amizade, envolvendo toda estrutura familiar, onde os proprietários utilizam do conhecimento próprio e suas experiências, para manter estes empreendimentos e com predominante ação de mulheres nos empreendimentos, tanto como proprietárias tanto como funcionárias.

Palavras-chave: Processo Produtivo. Condições de Trabalho. Informalidade. Produtores Informais de Confecção. Empreendedorismo por necessidade.

ABSTRACT

The informality is one basic element for structuring micro ventures clothing in the wild pernambucano. Considering the importance of such a venture in the region and its characteristics, work adopted by micro-entrepreneurs clothing in Caruaru Pe, to understand the dynamics of local informal production. For to achieve this goal, a qualitative, descriptive field study using a semi-structured interview script with six informal micro-confectioners of the garment, on the characteristics of their production point out the traces of ordinary or informal management, based in local culture. The literature review contextually addressed the following themes pertinent to the research objective: informality, work process and working conditions, entrepreneurial by necessity and ordinary management of small business and the testimonials that remained of the interviews were exposed in three tables of analysis with information about the profile of the interviewees at characteristics of the production process and their respective working conditions. The data obtained were interpreted and with it was possible to observe that informality in region occurs historically and intensely, are governed by kinship and friendship, involving the whole Family structure, where the owners use the self-knowledge and experience, to understand these workforce of workers with empirical understanding about confections predominant action of women in the enterprises, acting as owners both as employees, the management success practiced by these entrepreneurs, exhibitory, simplicity, lack of organization and supervision that informality and also enable the survival of number of people.

Keywords: Productive process. Working conditions. Informality. Producers clothing information. Entrepreneurship out of necessity.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Local da produção do Microempreendedor 01	51
Figura 2 – Local da produção do Microempreendedor 01	51
Figura 3 – Local da produção do Microempreendedor 02	52
Figura 4 - Local da produção do Microempreendedor 02	52
Figura 5 - Local da produção do Microempreendedor 02	53
Figura 6 - Local da produção do Microempreendedor 02	53
Figura 7 - Local da produção do Microempreendedor 03	54
Figura 8 - Local da produção do Microempreendedor 03	54
Figura 9 - Local da produção do Microempreendedor 03	55
Figura 10 - Local da produção do Microempreendedor 03	55
Figura 11 - Local da produção do Microempreendedor 04	56
Figura 12 - Local da produção do Microempreendedor 04	56
Figura 13 - Local da produção do Microempreendedor 04	57
Figura 14 - Local da produção do Microempreendedor 04	57
Figura 15 - Local da produção do Microempreendedor 04	58
Figura 16 - Local da produção do Microempreendedor 05	58
Figura 17 - Local da produção do Microempreendedor 05	59
Figura 18 - Local da produção do Microempreendedor 05	59
Figura 19 - Local da produção do Microempreendedor 05	60
Figura 20 - Local da produção do Microempreendedor 06	60
Figura 21 - Local da produção do Microempreendedor 06	61
Figura 22 - Local da produção do Microempreendedor 06	61
Figura 23 - Local da produção do Microempreendedor 06	62

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABDI	Agência Brasileira de Desenvolvimento Industrial
CLT	Consolidação das leis Trabalhistas
GEM	Monitoramento de empreendedorismo global
IEMI	Instituto de Estudos e Marketing Industrial
SEBRAE	Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas
SINDVEST	Sindicato da Indústria de Vestuário
SUDENE	Superintendência do desenvolvimento do Nordeste
TTE	Taxa Total de Empreendedorismo

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
1.1	Objetivos geral	17
1.1.1	Objetivos específicos:	17
1.2	Justificativa.....	17
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	18
2.1	Informalidade	18
2.2	Processo produtivo, organização e condições de trabalho.	22
2.3	Empreendedorismo.....	28
3	METODOLOGIA	32
3.1	Tipo de Pesquisa.....	32
<i>3.1.1</i>	<i>Tipo de pesquisa quanto á abordagem do problema</i>	32
<i>3.1.2</i>	<i>Tipo de pesquisa quanto aos objetivos da pesquisa</i>	33
<i>3.1.3</i>	<i>Tipo de pesquisa quanto ao delineamento da pesquisa</i>	33
3.2	População e amostra.....	33
3.3	Instrumento de coleta de dados	34
3.4	Forma de análise de dados	35
4	APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS	36
4.1	Características do entrevistado.....	36
4.2	Características do Processo de Produção	38
4.3	Condições de Trabalho.....	44
4.4	Observação Direta através de registros fotográficos.....	55
5	CONCLUSÃO	68
	REFERÊNCIAS	71

APÊNDICE A : ROTEIRO DE ENTREVISTA 77

1 INTRODUÇÃO

Na sociedade moderna, ao longo do seu desenvolvimento, presencia-se a reinvenção e readequação de estruturas produtivas da cadeia têxtil em função das necessidades de vestuário e seus derivados em várias localidades.

No caso do Brasil, as atividades da cadeia têxtil se iniciaram a partir das indústrias têxteis, no século XIX, com incentivos do governo, diminuindo taxas alfandegárias sobre maquinários e matéria-prima, permitindo o surgimento das primeiras fábricas. “A trajetória da indústria têxtil brasileira tem história de aproximadamente 200 anos com casos de sucesso e insucesso em diferentes épocas, assim como a de outros países da Europa, América do Norte e Ásia” (LOPES; JORENTE, 2015. P.156).

Foi a partir da introdução do Nordeste no comércio internacional do algodão, no século XVIII, que surgiu a indústria têxtil na região. O algodão fez parte do modelo primário-exportador, utilizado para abastecimento de mercados internacionais, principalmente o mercado inglês, entre os anos de 1861 a 1865. Era uma indústria tipicamente artesanal, veio a ganhar forças após a revolução industrial chegar ao Brasil, no século XIX (VIANA, 2005).

De acordo com o primeiro relato fabril, por volta do ano de 1846, destaca-se a Bahia, como estado pioneiro e centro industrial têxtil, por dispor de abundante matéria-prima, fontes de energia, grandes áreas rurais, além de possuir sistema portuário e fluvial favorecendo a produção e a comercialização dos produtos têxteis, a exemplo da fábrica de todos os Santos (LIMA; SANSON, 2008). Em seguida, vieram às primeiras fábricas têxteis no estado de Pernambuco, “Uma das primeiras manufaturas de fiação e tecelagem foi a Companhia de Fiação e Tecidos de Pernambuco S.A.”, sediada no distrito da Torre, ao lado do Rio Capibaribe, criada em 1884” (CORREIA; GUNN, 2005) decorrentes da produção de algodão em grande escala e da mão de obra abundante e barata.

Segundo Correia e Gunn (2005) Após o ano 1890, devido a um salto em ativos na bolsa de valores, uma sequência de fábricas se instalou no estado de Pernambuco, como a Companhia Industrial Fiação e Tecidos Goyanna, no ano de 1893, e em 1895, a fábrica Cotonifício Othon Bezerra de Mello S.A. Além dessas, várias outras fábricas têxteis foram instaladas em pequenas cidades próximas à capital pernambucana, por

iniciativa da “*Société Cotonnière Belge-Brésiliennse*”, em Moreno, no ano de 1908, seguida pela empresa “Fiação e Tecelagem de Timbaúba”, em Timbaúba, próximo à divisa com a Paraíba, no ano de 1911. E assim sucessivamente, surgindo várias outras fábricas.

No final do século XIX, a indústria têxtil resistiu às crises e desenvolveu-se principalmente em Pernambuco, prova disso é o Censo de 1907, no qual o capital social das fábricas de tecido em Pernambuco já era superior àquele empregado na Bahia, o produtor pioneiro do Nordeste (SILVA, A., 1980 *apud* ANDRADE, 2016).

O desenvolvimento da produção têxtil em Pernambuco se deu de forma intensa a partir da Primeira Guerra Mundial, com vários investimentos realizados em insumos e mão de obra barata, trazendo assim uma grande expansão têxtil (SANTOS 2006).

Entre os anos 1920 e 1930, investimentos adicionais em fábricas têxteis com moradia para trabalhadores foram realizados na “Tecelagem de Seda e Algodão de Pernambuco”, no bairro de Santo Amaro, no Recife, em 1926; no “Cotonífico José Rufino”, no Cabo, em 1926; e na “Fábrica Iolanda”, em Jequiá, distrito do Recife, em 1937. Em ligação com os recursos naturais do Estado e com a indústria da cana-de-açúcar, a “Fábrica Tacaruna”, entre Recife e Olinda, foi equipada em 1924. (CORREIA; GUNN, 2005. p. 21)

No entanto, a estrutura produtiva da cadeia têxtil é bastante ampla, não se restringe à indústria têxtil, subdivide-se em vários segmentos, entre eles o de vestuário. De acordo com dados do relatório da Agência Brasileira de Desenvolvimento Industrial-ABDI (2008, p. 2) “A indústria têxtil e de confecções é bastante ampla e é composta por várias etapas produtivas inter-relacionadas. Basicamente, podem ser destacadas quatro etapas”, sendo elas:

- Fiação: produção de fios ou filamentos que serão separados para a etapa da tecelagem;
- Tecelagem: fabricação de tecidos planos ou tecidos de malha (malharia) e de tecnologia de não tecidos;
- Acabamento: operações que conferem ao produto conforto, durabilidade e propriedades específicas;
- Confecção: desenho, confecção de moldes, gradeamento, encaixe, corte e costura. Na etapa final, os produtos podem tomar a forma de vestuário, de artigos para o lar: cama, mesa, banho, decoração e limpeza ou para a indústria:

filtros de algodão, componentes para o interior de automóveis, embalagens, dentre outros (ABDI, 2008, p.2).

Segundo Viana (2005, p. 6 *apud* Vilar; Santos; Albuquerque; Carmo e Silva 2014) “a indústria de confecções é o ponto final da cadeia produtiva têxtil, que tem início na produção de fibras (naturais, artificiais e sintéticas), contemplando ainda a fiação, tecelagem e malharia, bem como a indústria de máquinas têxteis e produtos químicos para acabamento”.

Neste conjunto, a indústria de confecções é caracterizada pela diversidade na variedade de insumos utilizados, na variedade de estratégias empresariais empregadas e na variedade de formas de produzir. De acordo com o Instituto de Estudos e Marketing Industrial – IEMI (2002), no Brasil, cerca de 83% das empresas de confecções estão no segmento de vestuário, com predomínio de micro e pequenas empresas e uso intensivo de mão de obra, gerando um grande contingente de empregos no setor (EMIDIO e MENEZES, 2009).

Logo após a ascensão das fábricas têxteis, se deu o desenvolvimento da produção de vestuário em Pernambuco, mas não se deu de forma homogênea. Houve um desenvolvimento pleno e rápido na capital por volta do ano de 1960. Porém, no interior do estado a produção de vestuário não foi plena e rápida, se deu de forma gradual, de acordo com as necessidades de complemento de renda da população, por via de arranjo produtivo familiar (FREIRE, 2019). Essa composição produtiva envolvendo a capital e o interior do estado tem sua expressividade registrada em um estudo de caracterização econômica, realizado pelo Sebrae (2013), mostrando que o estado de Pernambuco tem participação de 2,6% nos 17% da produção total da cadeia têxtil do Nordeste.

No Agreste de Pernambuco a produção de confecções surgiu em razão de suprir necessidades econômicas da população local. Na maior parte, uma população de baixa renda e carente em apoio governamental. De acordo com o Sebrae (2013), atualmente a confecção é considerada uma atividade de extrema importância para a maior parte das cidades do Agreste pernambucano, gerando e mantendo grande número de empregos formais e informais, em média, 100 mil pessoas trabalhavam direta ou indiretamente no Polo de Confecções, principalmente, nas cidades consideradas cidades-núcleo - Caruaru, Toritama e Santa Cruz do Capibaribe.

No estado de Pernambuco a concentração das empresas do setor de confecções se estabelece principalmente no Agreste do estado, região que passou a ser denominada como Polo de Confecções do Agreste, tendo aproximadamente 75% da

atividade industrial relacionada ao segmento do vestuário. (ARAUJO e PEREIRA, 2006).

Com esses números, a produção e a comercialização de confecções tornaram-se conhecidas não só em Pernambuco, mas em todo território nacional e na América do Sul. Desta forma, é possível perceber que diante de tantas adversidades e dificuldades encontradas no Agreste, se fez da dificuldade a oportunidade, para obtenção de renda e sustento familiar, possibilitando o crescimento financeiro da região.

Contudo, o estudo de caracterização econômica do Sebrae (2013), além dos números que mostram a expansão das atividades confeccionistas, mostra a realidade das unidades produtivas, em que das 14.517 unidades produtivas nas cidades-núcleo, 11.562 são informais, correspondendo a 80% da produção total de confecções, (SEBRAE 2013). Estas unidades produtivas informais são, em sua maioria, de micro e pequeno porte, evidenciando um processo empreendedor na região.

A partir dos dados que mostram o predomínio da informalidade na produção de confecções, deve-se levar em consideração que os produtores informais, geralmente, enfrentam dificuldades e desafios que nem sempre são levados em consideração pelo poder público e pela sociedade. Além disso, é preciso avaliar sua dinâmica de atuação, já que é uma forma majoritária de produção, considerando que investem seus recursos numa atividade e procuram estabelecer elementos que a organizem.

Portanto, é necessário compreender as ações, dilemas e estratégias da produção informal, para que os produtores não sejam vistos apenas como pessoas que conseguiram obter renda com uma atividade informal, mas como produtores que alimentam uma dinâmica local e específica. É preciso registrar seus esforços de empreendimento através da dinâmica dos processos produtivos e das respectivas condições de trabalho, considerando que atuam como motor da economia local e como formadores de parte da cultura empreendedora local.

Mediante a caracterização exposta, propõe-se a seguinte questão de pesquisa: Como se caracterizam os processos produtivos e as condições de trabalho de microempreendedores informais de confecções na cidade de Caruaru? A partir dessa questão norteadora, foram definidos os objetivos da pesquisa e sua estrutura teórico-metodológica.

1.1 Objetivos geral

Objetivo Geral: Analisar os processos produtivos e condições de trabalho adotados por microempreendedores de confecção, em Caruaru/PE, para entender a dinâmica da produção informal local.

1.1.1 Objetivos específicos:

- Descrever a intensidade da informalidade na produção de confecções no Agreste de Pernambuco;
- Registrar os esforços de empreendimento de microempreendedores de confecção;
- Caracterizar o processo produtivo em microempresas informais da confecção;
- Caracterizar as condições de trabalho em microempresas informais de confecção;
- Identificar os desafios e dificuldades enfrentados pelos microempreendedores na condição de informalidade;

1.2 Justificativa

Ao identificar a grande lacuna existente entre os métodos formais da Administração e práticas informais de gestão, conduzidos por microempreendedores no Agreste de Pernambuco, se faz necessário compreender a dinâmica produtiva praticada em empreendimentos informais, uma vez que lideram o quantitativo de unidades produtivas locais. Para Carvalho (2006 *apud* CARRIERI; PERDIGÃO E AGUIAR 2014), a gestão de organizações deve ser vista não como uma ou outra, mas como diversa, de forma que algumas pessoas se baseiam em métodos práticos para gerir e outras em métodos tradicionais, não deixando estes de serem pautados como métodos de gestão.

O presente estudo pretende contribuir para compreensão de processos produtivos e condições de trabalhos de produtores informais de confecção, enquanto método tradicional de produção no Agreste Pernambucano, a fim de formular um entendimento de como se estrutura a dinâmica de organizações produtoras informais.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O presente capítulo apresenta a revisão de literatura feita sobre as ideias centrais deste estudo, estruturada em quatro partes. A primeira parte aborda a informalidade em uma caracterização geral, logo após, em uma abordagem focada nas condições sociais e econômicas do Agreste pernambucano, aparecendo como um dos elementos fundamentais da produção local de confecções. A segunda parte aborda os conceitos de processo, organização e condições de trabalho, apresentando uma caracterização geral dos termos e, em seguida, uma reflexão dos conceitos direcionados à realidade do Agreste pernambucano, ressaltando no processo produtivo e nas condições de trabalho da produção informal. A terceira parte aborda o empreendedorismo a partir de suas definições gerais e, em seguida, resalta o empreendedorismo por necessidade, devido às atividades produtivas no Agreste pernambucano ser atreladas à produção informal.

2.1 Informalidade

Os estudos sobre informalidade se popularizaram a partir da definição do termo setor informal por Keith Hart, em 1973 na *Conference on Urban Unemployment in África*. Em seu texto, Hart demonstrou uma nova maneira de identificar os problemas de desemprego nos países subdesenvolvidos, a partir de dados do censo e de uma pesquisa de campo realizada em Gana, em 1960. Esta pesquisa descreveu como as classes menos favorecidas dos países subdesenvolvidos fizeram para atenuar a escassez de empregos em meio às poucas oportunidades, dando início aos primeiros relatos de trabalho informal, fortemente influenciado pela grande migração do campo para cidade (BARBOSA, 2011).

Hart ao questionar se o “setor informal” deveria ser visto como um problema tratou-o como um aspecto funcional da realidade: “O trabalho informal funciona como o

imã para boa parte dos indivíduos, atua como atenuador do desemprego, fornecendo possibilidades de renda, mesmo que irregulares”. (HART, 1960 *apud* BARBOSA, 2011, p. 112). Por isso, Hart afirmou que o setor informal se fez presente na realidade dos países subdesenvolvidos e que seu desaparecimento é impossível, mesmo baseando-se no surgimento de novos postos de trabalho formal. Esta abordagem gerou várias especulações e controvérsias, porém estabeleceu uma base teórica sobre a informalidade que ajudou a produzir vários estudos e ações acerca do desemprego.

No Brasil, o discurso sobre informalidade se estruturou a partir dos anos 80 com Cacciamali (1982) sobre o setor informal urbano, destacando em vários debates públicos que o crescimento do setor informal se deu a partir do setor formal, relacionando-se a várias problemáticas do país. Na década de 1990, Dedeca e Baltar (1997 *apud* VÉRAS DE OLIVEIRA 2011), abordaram a informalidade como uma nova dinâmica econômica instalada no país, defendendo que ambos os setores estabeleçam correlações entre si. Com isso, a informalidade avançou tanto por elevação no número de desempregados de baixa qualificação que migraram para atividades mais precárias quanto por surgimento de novos desempregados estimulados a montar seu próprio negócio. Para Vêras de Oliveira (2011), outro movimento que estimulou a informalidade foi à terceirização, advindo das novas práticas de gestão do trabalho. Com a terceirização as relações de trabalho formal se tornaram mais rasas e instáveis, deixando a informalidade ainda mais viável.

De acordo com Vêras de Oliveira (2011), através do governo Federal em 2003, houve várias tentativas de conter o crescimento da informalidade, pela via de alterações trabalhistas em vários âmbitos, como o Fórum Nacional do Trabalho para tentar conciliar as divergências entre empregador, empregados e o governo. No ano de 2006 foi criada a lei Complementar nº123 lei esta que criava uma tributação diferenciada voltada para micro e pequenas empresas, chamada lei do Super Simples, que estabelecia um sistema de tributação única para seus optantes. Sem o êxito esperado com as ações anteriores e ainda em tentativa de conter o crescimento da informalidade, foi lançada no ano de 2009 uma nova lei Complementar nº128, alterando a anterior, visando trazer o trabalhador informal para um novo âmbito o de “Empreendedor individual”, este estaria legalizado, com registro de Pessoa Jurídica e ainda com o sistema de tributação única. Mesmo com todas as tentativas de contenção, a informalidade continua acontecendo no país e de maneiras diferenciadas.

No Agreste pernambucano, a informalidade sempre se fez presente na cultura local. Ao longo de sua história, o Agreste teve uma população em sua maior parte pobre, sua sobrevivência foi baseada na agricultura de subsistência, modificando-se com a introdução do cultivo de algodão no sec. XIX, que passou a ser um dos principais produtos nordestinos. Mas que entrou em declínio posteriormente, fazendo com que a população procurasse novos meios de sobrevivência. A cultura do algodão em Pernambuco aconteceu no campo, atrelado ao pequeno produtor, nesse contexto a informalidade era normal porque as relações não eram mediadas pelo mercado, mas por relações interpessoais (VÉRAS DA SILVA, 1980).

Tendo como característica geográfica ser zona de convergência entre o litoral e o sertão e condições climáticas propícias para a cultura do algodão, o Agreste era local notório para desenvolvimento de comércio. Burnett (2014) cita que na cidade de Caruaru a informalidade era frequente desde sua fundação, exemplo disso é que após as missas que aconteciam na capela de Nossa Senhora, na antiga fazenda Caruru, a população trocava entre si produtos agrícolas e isso foi se intensificando e diversificando ao longo do tempo, formando o comércio de feira. Para Burnett (2014) o trabalho familiar e domiciliar e a informalidade são os pilares do movimento produtivo-comercial e não foi diferente com a Feira da Sulanca, que toma como base a cultura da população Agrestina.

Segundo Vêras de Oliveira (2013), com a crise no fornecimento do algodão, que ocorreu de forma mais intensa no século XX, a população do Agreste pernambucano precisou criar novas maneiras de sustento. Nas cidades de Caruaru e Toritama a produção de peças de couros aumentou, já na cidade de Santa Cruz do Capibaribe, seus moradores levavam seus produtos agropecuários para vender em outras cidades, e os trocavam por retalhos de tecido, para fabricação de peças de vestuário caseiro. Isso deu início à criação de pequenas confecções, destinadas a ser revendidas nas feiras locais, para pessoas de baixa renda. O volume de vendas foi aumentando e os produtores começaram a trazer do Sul tecidos mais delicados para fazer as peças, iniciando-se assim a Feira da “Sulanca”. Silva (2009) cita que a “Sulanca” teve início nos anos 1950, fazendo a região Agreste se desenvolver, tornando o comércio e a produção informal prática característica da região.

Segundo Burnett (2014) A “Sulanca” tem como origem costumes rurais típicos da região, a feira livre é costume emblemático que se difundiu através do comércio de

roupas conhecido como Sulanca, tendo uma produção familiar, baseando suas relações sociais nas relações de parentesco e amizade.

Desde o início das atividades confeccionistas, as unidades produtivas se concentraram em três cidades: Caruaru, Santa Cruz do Capibaribe e Toritama, tendo como característica produzir na informalidade aliada à estrutura familiar. Com o decorrer da expansão da produção de confecções a Sulanca diversificou-se, expandiu seu comércio tendo função muito importante sobre a economia local. De acordo com Vêras de Oliveira (2013) A evolução econômica se deu de várias formas: com a inserção de novos tipos de comércio, novas maneiras de fazer negócios e assim os feirantes foram se aperfeiçoando, dando uma noção mais racional para os seus negócios. Mas a informalidade não deixou de ser elemento principal no comércio.

A partir dos anos 2000 houve uma nova expansão econômica no Agreste, representada pelo crescimento de produtores formais. Segundo Vêras de Oliveira (2013) neste período, foram construídos grandes centros comerciais nas cidades de Toritama, Caruaru e Santa Cruz do Capibaribe. Além disso, surgiram outros incentivos à expansão econômica como o aumento de instituições financeiras, bancos e tecnologia que incentivaram a expansão econômica. Lima (2013) cita a iniciativa do SEBRAE em conjunto com SINDVEST que elaborou um projeto diferenciado o “Sulanca Extra”, que tinha o objetivo de atender as demandas de capacitação dos produtores de confecções de Santa Cruz do Capibaribe, além de tentar criar uma nova imagem para o Polo de Confecções, uma imagem mais distante da informalidade, e de produtos de baixa qualidade.

Mesmo com todos os incentivos e investimentos para atenuar a informalidade no Agreste, esta continua bastante atuante e marcante na região, pois não é apenas uma característica econômica, mas uma característica da cultura local. Segundo Ferreira e Vasconcelos (2010) a economia informal é muito forte na região, trouxe sustento para várias famílias locais. A Feira da Sulanca concentra grande volume de trabalho informal, absorve pessoas desempregadas que se introduzem no setor produtivo sem nenhum tipo de qualificação, aprendendo na prática as atividades a serem realizadas.

Segundo o Sebrae (2013) A informalidade no ano de 2012 chegava a 82% nas unidades produtivas das cidades núcleo. Tendo estas unidades cerca de 68% da mão de obra empregada de cunho familiar, evidenciam que as relações de trabalho dos produtores funcionam baseadas principalmente em relações de parentesco.

2.2 Processo produtivo, organização e condições de trabalho.

A noção de processo produtivo está atrelada, historicamente, à noção de processo de trabalho.

O processo de trabalho é conceituado historicamente por Marx (1970 *apud* PICCININI; GHEDINE, 2011) como um processo feito pelo homem, que consiste em transformar matéria prima em produtos com valor para uso, isso significa que é um processo que advém da necessidade humana de sobrevivência. Neste sentido, o processo de trabalho é constituído de três elementos: a atividade adequada a um fim, correspondendo ao trabalho em si, ou seja, a atividade pensada e executada com um fim; a matéria sobre qual se aplica o trabalho, correspondendo ao objeto do trabalho, cuja utilização da matéria prima pode ser tanto no estado primário como secundário; e os meios de trabalho, correspondendo aos instrumentos ou ferramentas utilizados por quem executa o trabalho.

As mudanças entre o que produzir e como produzir demarcam a evolução do processo de trabalho. Marx ao descrever a evolução do processo de trabalho, o considera um processo social que determina não apenas o que produzir e como produzir, mas as relações sociais e políticas estabelecidas numa sociedade que cria seus próprios meios de sobrevivência. A evolução do processo de trabalho começa a partir da cooperação em larga escala, quando os produtores notam que há melhor rendimento produtivo em atividades feitas por coletividades de trabalhadores (PICCININI; GHEDINE, 2011).

A cooperação a que se refere Marx corresponde à divisão técnica do trabalho, intensificada a partir da Revolução Industrial, que propiciou grandes transformações tecnológicas para o processo de trabalho, passando a concebê-lo como processo produtivo. A partir dessa evolução que combina trabalho com avanço tecnológico, formaram-se dois importantes tipos de processo de trabalho/produção: a mecanização, que se deu a partir da substituição de parte da força humana no manuseio de algumas ferramentas por fontes mecânicas, e a automação, que consistia em substituir máquinas que faziam apenas uma função por máquinas que davam continuidade à produção, sem

necessidade de grande quantidade de trabalhadores para realizar o processo produtivo. Para Piccinini e Ghedine (2011), o processo de automação do trabalho veio como uma evolução nos processos mecânicos de trabalho, visando uma melhoria nas técnicas e métodos utilizados para expandir e trazer mais eficiência com base na inteligência artificial.

Muitas foram as transformações identificadas no processo de trabalho ao longo do tempo. A tecnologia permitiu tais mudanças, que provocaram várias alterações no processo produtivo e, conseqüentemente, nas formas de organização do trabalho. (PICCININI E GHEDINE, 2011, p.226).

Na Administração, o entendimento do processo de trabalho está atrelado ao processo de produção e à existência de uma organização produtora. De acordo com Maximiano (2010, p.5): “Um processo é um conjunto ou sequência de atividades interligadas, com começo, meio e fim, que utiliza recursos, como o trabalho humano e equipamentos, para fornecer produtos e serviços. Um processo é a estrutura de ação de um sistema”.

Maximiniano (2010) cita que todas as organizações podem adotar o sistema de processos e que uma maioria os adota, como o processo que consiste na transformação de matéria prima, com utilização de máquinas e atividades humanas para obter produtos e serviços. O processo de produção está interligado às atividades humanas, e por sua vez ao processo de trabalho. Sendo por meio de processos que transformam os recursos para obter os resultados esperados.

Para Faria, Werneck, Santos e Teixeira (2019) a maneira como se desenvolvem as atividades profissionais, o modo como são realizadas, independe de ser chamado de processo de trabalho, está atrelado ao processo produtivo, tendo como objetivo a produção de algum objeto, que este tem por finalidade atender alguma necessidade humana.

Pode-se dizer que o trabalho, em geral, é um conjunto de procedimentos pelos quais os homens atuam, por intermédio dos meios de produção, sobre algum objeto para transformando-o, obterem determinado produto que pretensamente tenha alguma utilidade. (FARIA, WERNECK, SANTOS e TEIXEIRA, 2019, p.1).

Quanto ao processo produtivo da confecção, são consideradas as seguintes fases: planejamento da coleção, planejamento do processo produtivo, estoque de materiais, risco, enfiar, corte, preparação para costura, costura ou montagem, acabamento,

limpeza da peça e inspeção, passadoria, embalagem, estoque de produtos acabados e expedição (PAIVA, 2010).

Estas etapas são caracterizadas da seguinte forma: o planejamento da coleção é uma etapa onde se desenvolvem os produtos, que vão ser feitos de acordo com a necessidade do mercado (ANDRADE FILHO & SANTOS, 1980 *apud* PAIVA, 2010). O planejamento do processo produtivo deve aperfeiçoar a produção de acordo com pedidos já estabelecidos, gerindo lotes, peças vendidas e capacidade de produção (BIERMANN, 2007).

O estoque de materiais deve ser bem dimensionado e considerar alguns fatores como o tempo de entrega dos fornecedores e a importância na entrega das mercadorias, além de analisar a quantidade de pedido de matéria-prima, para não ter quantidades altas em estoque. A etapa de risco é responsável pelo encaixe da modelagem, onde se define como será o aproveitamento do tecido que dá origem a matriz (folha riscada com o molde para corte). Depois, vem à etapa de enfiar onde o tecido é marcado para o corte, seu comprimento é delimitado de acordo com a matriz, o enfiar pode ser manual ou feito com a enfiadeira (Biermann, 2007).

Na etapa de corte é feito o corte do tecido, estes delimitados por riscos feitos na etapa anterior (etapa de enfiar) e de suma importância para a qualidade do produto final. Na etapa de preparação da costura, os tecidos e complementos são preparados para costura, esta parte é imprescindível, pois deve ser organizada adequadamente separando os itens necessários para o sucesso da produção (BIERMANN, 2007). Em seguida vem à etapa de costura ou montagem, o setor de costura é a seção onde as partes principais da peça serão montadas. É a seção onde são executadas todas as operações de costura que reúnem as partes componentes maiores dando forma ao produto. A etapa que sucede a costura é o acabamento. No acabamento é onde são executadas as operações finais, com todas as partes componentes já unidas, visando a melhoria na qualidade ou complementação do produto. Nesta etapa também são executadas as operações de casear, pregar botão, pregar etiqueta etc. (ANDRADE FILHO & SANTOS 1980 *apud* PAIVA 2007).

Após o acabamento, vem a etapa de limpeza da peça e inspeção, etapa responsável pela limpeza e retirada de fios e revisão final das peças, com esta etapa finalizada se dá início a etapa de passadoria que as peças passarem pelo processo produtivo podem ficar amassadas ou franzidas, então, passam ferro nestas peças para corrigir estes defeitos Finalizam o processo produtivo três etapas finais: a de

embalagem que acontece após o setor receber as peças inspecionadas e passadas; a de estoque de produtos acabados que corresponde às operações de receber as peças embaladas e estocar nas prateleiras, por tamanho, cor e modelo, além da separação de pedidos já faturados; a expedição que cabe receber os produtos devidamente separados e embalados para serem expedidos, devidamente discriminados e encaixotados (ANDRADE FILHO & SANTOS, 1980 *apud* PAIVA 2010).

As abordagens de Marx e da Administração são fundamentais para o entendimento do processo de trabalho/produção, no entanto, são relativas ao ambiente fabril e empresarial. Para o contexto de produtores informais do Agreste pernambucano tais abordagens não se adequam integralmente, havendo necessidade de um esclarecimento quanto à dinâmica da produção informal de confecções e suas fases, é necessário conhecer como acontece o processo produtivo na produção informal, pois o processo de produção e as condições de trabalho têm características peculiares, decorrentes daquelas que foram expostas anteriormente sobre as raízes rurais da Sulanca.

Bezerra (2013) caracteriza em linhas gerais o processo produtivo do setor de confecções, no que toca à produção informal no Agreste pernambucano, sobre três elementos: o trabalho domiciliar-familiar, a divisão sexual do trabalho e a dinâmica rural-urbano. O trabalho domiciliar-familiar está presente na maioria das unidades produtivas locais como uma das suas principais características, onde é constituído pela família e em seus próprios domicílios. A divisão sexual do trabalho demarca a ação das mulheres, como primeiras produtoras de confecção da região, inicialmente para ajudar a complementar a renda da família. Os homens foram inseridos no processo produtivo posteriormente quando a feira da Sulanca já estava consolidada. Bezerra (2013) cita que mesmo com o pioneirismo da produção de confecções advirem da atividade de mulheres, os homens ganham mais que as mulheres, reproduzindo o padrão desigual já existente entre as relações de gênero. A dinâmica rural-urbano se configurou na saída de produtores do campo para tentar novos meios de sobrevivência na cidade, ressaltando que as famílias vendiam suas terras para morar na cidade e iniciar a produção de confecções. Todos estes elementos característicos se correlacionam mutuamente.

Contudo, estes três elementos não são suficientes para entender a dinâmica e dar conta de exprimir o tipo de gestão que se constrói na produção informal. É preciso averiguar as etapas e os detalhes desta forma de produzir.

Quanto à organização do trabalho, Novick, (2000 *apud* PICCININI e GHEDINE 2011) conceitua organização do trabalho como um conjunto de aspectos técnicos e sociais que interferem no processo produtivo, sendo uma composição de regras e normas construídas socialmente, por isso, une tecnologia, força de trabalho, hierarquia, relações de trabalho e a estrutura de poder nas organizações. (GUIMARÃES 1995 *apud* PICCININI E GHEDINE 2011. p.227).

O nível de interações existentes no centro da organização do trabalho requer uma observação interdisciplinar com auxílio de ciências sociais, abrangendo em sua análise, além do desenho das tarefas, os aspectos políticos, técnicos, psicológicos e sociais do ambiente de trabalho. (GUIMARÃES 1995 *apud* PICCININI E GHEDINE 2011. p.227).

Segundo Kanawaty (1992 *apud* CASTRO 2018), há diversas abordagens sobre a organização do trabalho ao longo dos anos, diferentes abordagens influenciaram diferentes momentos. Nenhuma dessas abordagens é exclusiva em si, mas elas representam diferentes filosofias ou, pelo menos, enfatizam diferentes aspectos da organização do trabalho. Estas abordagens podem ser divididas em três principais modelos: o Taylorismo, o Fordismo e o Toyotismo.

O Taylorismo e o Fordismo, de acordo com Piccinini & Ghedine (2011), são modelos de organização do trabalho que apresentam a concepção, o planejamento e a gestão do processo produtivo coordenado por gestores e seus técnicos e a execução das atividades de produção são responsabilidade dos operários. Faz parte destes modelos vários elementos, como a produtividade executada no menor tempo possível, junto com a soma de produtividades individuais, a ampliação da produção no menor tempo possível e a potencialização dos lucros. Inclui-se também um grande controle dos trabalhadores tecnicamente qualificados. O Taylorismo e o Fordismo são formas de organização do trabalho condizentes com o processo produtivo mecanicista, a tecnologia é fator primordial da produção e o trabalhador entra como recurso, principalmente por conta de seu aproveitamento fisiológico na realização das atividades.

O Toyotismo se caracteriza como um sistema de produção enxuto, baseado no fornecimento *Just in Time* de matéria-prima, ou seja, produzir somente o necessário, no tempo necessário e na quantidade necessária, havendo controle da qualidade total em todas as etapas produtivas. O envolvimento dos trabalhadores no processo produtivo se dá para além das atividades técnicas, porque a mão de obra é qualificada e multifuncional, fazendo parte de um conjunto de funções rotativas, possibilitando que

eles se tornem mais versáteis e participativos. O Toyotismo é uma forma de organização do trabalho condizente com o processo produtivo automatizado, em que a tecnologia continua como fator primordial da produção, mas o trabalhador além de executar funções diferentes, não dispense apenas esforço fisiológico, também a inteligência, a qualificação e a participação na condução do processo produtivo.

Para Piccinini & Ghedini (2011) estes modelos de organização do trabalho apresentados demonstraram universalidade, porém nenhum se mostrou unânime, as organizações apresentaram ao longo do tempo variações para os mesmos, pois a cultura de um país ou região em que esses modelos de organização do trabalho estão inseridos irá refletir sobre a forma de realizar suas atividades, portanto a organização do trabalho é dinâmica.

Como citado anteriormente, no Agreste Pernambucano a informalidade sempre se fez presente nos processos produtivos, tem características locais muito peculiares em sua formação e em suas relações sociais, tais como a produção familiar atrelada ao domicílio, relações comerciais baseadas no parentesco e amizade, além da relação patrão/empregado ser diferenciada devido à produção familiar. Bezerra (2013) cita que a produção de confecções no Agreste se deu inicialmente de forma precária, ao contrário de algumas regiões que obtiveram incentivos, se deu de acordo com as necessidades de a população da região criar suas formas de sustento, que se expandiu depois da decadência da produção algodoeira.

Identificamos uma complexa trama de relações que organizam a produção de confecções no Agreste de Pernambuco e que conformam uma dinâmica produtiva e social, que se desenvolveu a partir de processos endógenos e exógenos, constatando-se que o processo produtivo do Polo de Confecções se construiu alicerçado em uma tríade composta por trabalho domiciliar (informal), uma divisão sexual do trabalho e por uma dinâmica rural urbana (BEZERRA, 2013. P.334).

Assim, para avaliar a produção informal de confecções no Agreste de Pernambuco, propõe-se uma adequação de abordagem, de organização do trabalho para condições de trabalho, tendo em vista que na realidade local há uma forma diferenciada de realizar o processo produtivo, bem como regras, normas e relações sociais prevalecentes nos pequenos empreendimentos informais locais, não diretamente condizentes com os modelos organizacionais observados.

Em termos de condições de trabalho, existem quatro elementos que demarcam as condições de trabalho: condições contratuais jurídicas, condições físicas e materiais,

processos e características das atividades e condições do ambiente sócio gerencial (BORGES, COSTA, ALVES FILHO *et al*, 2013).

Estes elementos das condições de trabalho se definem e caracterizam de forma própria. As condições contratuais jurídicas tratam de um conjunto de aspectos jurídicos, que diferencia trabalho e emprego e suas condições contratuais, abrangem também relações como a de autônomo versus empregado etc. As condições físicas e materiais referem-se às atividades concretas de trabalho. Engloba fatores físicos do trabalho como ambiente físico, espaço geográfico, clima, materiais e equipamentos necessários para a realização do processo de trabalho, considerando também questões de segurança para realização destas atividades (BORGES, COSTA, ALVES FILHO *et al*, 2013).

Os processos e características das atividades abordam aspectos referentes ao conteúdo das atividades de trabalho, organização do trabalho e divisão, onde são criados métodos e critérios para estes processos funcionarem tão bem como as demandas que são ajustadas de acordo com as habilidades do trabalhador, os modos de execução das atividades e o ritmo proposto, desempenho, autonomia e ações onde se tem a possibilidade de eleger o ritmo do trabalho e os métodos que serão utilizados e a ordem das tarefas. Por fim, as características das atividades e condições do ambiente sócio gerencial englobam relações como igualdade de oportunidades, onde se tem acesso a informações e possibilidade de participar e influenciar nos processos decisórios, o clima organizacional que refere-se as relações interpessoais sejam de ordem horizontal ou vertical, além das relações que expõe o trabalhador em algum tipo de agressão, seja física, moral ou psicossocial (BORGES, COSTA, ALVES FILHO *et al*, 2013).

Destes elementos detalhados, considerando que o foco da investigação é a produção informal, foram selecionadas as condições físicas e materiais e processos e características das atividades como pertinentes para caracterizar o que se entende por condições de trabalho.

2.3 Empreendedorismo

O empreendedorismo na visão de Hisrich, Peters e Shepherd (2009) é um processo de criar algo com valor, dedicando tempo e esforços para tal, além de assumir

os riscos financeiros, psíquicos e sociais para este processo. Para Schumpeter (1982) o empreendedorismo é um fator do desenvolvimento econômico, busca de novas direções, do diferencial competitivo e de novas conquistas, associadas à inovação, na medida em que sua essência está na percepção e aproveitamento de oportunidades de negócios. Nesse contexto, o empreendedor é visto como o motor da economia.

Dados do *Global Entrepreneurship Monitor* – GEM (2017) indicam que no Brasil no ano de 2017 a taxa total de empreendedorismo (TTE) foi de 36,4%, o que significa que de cada 100 brasileiros e brasileiras adultos (18 – 64 anos), 36 deles estavam conduzindo alguma atividade empreendedora, quer seja na criação ou aperfeiçoamento de um novo negócio, ou na manutenção de um negócio já estabelecido. Em números absolutos em 2017, isso representa quase 50 milhões do total de brasileiros que já empreendem ou realizaram alguma ação visando à criação de um empreendimento.

O empreendedor na visão de Hisrich, Peters e Shepherd (2009) é aquele que assume riscos, toma iniciativa e inicia algo novo. Segundo o GEM (2017) o empreendedor é aquele indivíduo que realizou esforços concretos na tentativa de criar um empreendimento, uma atividade autônoma, ou uma empresa, seja ela formalizada ou não.

Contudo, atualmente, o mundo se caracteriza por um tipo de desemprego estrutural, que leva à crescente presença de um tipo de empreendedorismo movido não pela oportunidade, mas, pela necessidade de sobrevivência. Os empreendedores, muitas vezes, seriam pessoas sem condições de se inserir de maneira adequada no mercado formal de trabalho, partindo para a atividade empreendedora. (CORRÊA, REIS e VALE. 2014).

O GEM (2017) cita que o empreendedor por necessidade é aquele que afirma ter iniciado o negócio pela ausência de alternativas para a geração de ocupação e renda. Foi observado no ano de 2017, um pequeno aumento na relação entre empreendedores por oportunidade e por necessidade. Em números percentuais, no ano de 2017 59,4% dos empreendedores iniciais empreenderam por oportunidade e 39,9% por necessidade, uma quantidade bem mais significativa do que no ano anterior (GEM, 2017).

No Nordeste Brasileiro, assim como em todo país, a atividade empreendedora é muito expressiva, dados do GEM (2017) apontam que a taxa total de empreendedores - TTE, com percentual da população entre 18 e 64 anos, foi de 36,4%, a maior dentre as regiões brasileiras e superior à do Brasil (34,5%).

No Agreste pernambucano, o empreendedorismo apresentam as características de ambas as abordagens – criar algo novo com valor, dedicar tempo e esforços para botar o negócio em prática, assumir riscos financeiros e sociais, percepção de oportunidades de negócios para ajudar no desenvolvimento econômico local, incluindo o esforço para montar seu próprio negócio mediante um mercado de trabalho escasso, ser independente, ter como pretensão o trabalho sem patrão, onde seus esforços serão para mérito e lucro próprio.

De acordo Moraes (2013) A questão da “liberdade” e autonomia perante um patrão, além da condição de assalariamento, se põem como questões centrais para empreendedores do Polo de Confeccões do Agreste. Assim como a informalidade se expressa de forma bem peculiar, o empreendedorismo também.

Para Moraes (2013) a independência é visão predominante de muitos produtores do Polo de confeccões do Agreste, a ideia de ter seu próprio rendimento é muito atraente, é um trabalho que vale a pena para muitos, pois colocam seus esforços em algo que é seu e para total lucro próprio. Para ter essa “independência” abrem mão de vínculos empregatícios formais e seus rendimentos, investem na geração de negócios utilizando mão de obra familiar, montando suas próprias estratégias de produção e comércio. Trazendo para o contexto histórico local, a disseminação dessa cultura de “trabalho sem patrão” vem da experiência dos camponeses da região que estabeleceram uma hegemonia de pequenas unidades familiares na produção das confeccões.

Claro que neste contexto não podemos enquadrar todos os tipos de empreendedores, mas, principalmente, os microempreendedores. Lembrando que os microempreendedores têm sua delimitação estabelecida tanto por número de funcionários quanto por faturamento geral ao ano. Por número de funcionários, corresponde à classificação do Sebrae (2018) correspondendo a microempresa aquela que possui até 09 empregados no setor de comércio e serviços e até 19 empregados no setor da indústria. Segundo dados do Sebrae (2018), de acordo com Estatuto Nacional da Microempresa e da Empresa de Pequeno Porte, regida pela Lei Complementar nº 123/2006, foi estabelecida uma classificação com base no faturamento geral para os negócios. Sendo microempreendedor individual aquele com receita bruta anual de até R\$ 81.000,00, O microempreendedor com receita bruta anual de até R\$ 360.000,00.

Algumas das características predominantes destes produtores independentes são utilizar o trabalho familiar e basear suas relações comerciais com pessoas que tenham algum parentesco, onde a “ajuda” entra como ator principal. Segundo Moraes (2013)

estas relações se baseiam em um contrato moral, que mobiliza a participação de todos os membros da família, além dos parentes, para auxiliar na produção e na manutenção da economia doméstica. Essa “ajuda” se define em algum serviço prestado por algum parente que não é realmente empregado, este faz tarefas da necessidade do produtor e deste ganha algum dinheiro como recompensa.

3 METODOLOGIA

Nesta seção serão abordados os procedimentos metodológicos que foram usados na presente pesquisa.

3.1 Tipo de Pesquisa

Nesta seção será apresentado o tipo de pesquisa escolhida para o estudo dividindo-se em três subseções: tipo de pesquisa quanto à abordagem do problema; tipo de pesquisa quanto aos objetivos da pesquisa e tipo de pesquisa quanto ao delineamento da pesquisa.

3.1.1 Tipo de pesquisa quanto à abordagem do problema

A pesquisa tem como base para a abordagem do problema a pesquisa qualitativa. De acordo com Diehl (2004) os estudos qualitativos podem descrever a complexidade de determinados problemas e a interação de certas variáveis, compreender e classificar os processos dinâmicos vividos por grupos sociais, além de possibilitar o entendimento das particularidades do comportamento dos indivíduos. Para Strauss e Corbin (2008) a pesquisa qualitativa pode tratar vários aspectos referindo-se a vida das pessoas, suas experiências, comportamentos, emoções, sentimentos, movimentos sociais, fenômenos culturais e interação entre nações. Usando destas definições optou-se por esse tipo de pesquisa, a fim de analisar os processos produtivos e as condições de trabalho utilizadas por empreendedores informais de confecções de Caruaru-PE.

3.1.2 Tipo de pesquisa quanto aos objetivos da pesquisa

Em relação aos objetivos, a presente pesquisa foi descritiva. Gil (2010) define que a pesquisa descritiva tem como objetivo descrever as características de determinada população ou fenômeno ou estabelecer relações entre variáveis, é exposto também que as pesquisas descritivas são as que geralmente os pesquisadores sociais preocupados com a atuação prática, vão in loco para realizar seu estudo. Por essas características, este tipo de pesquisa foi escolhido para o presente estudo com intuito de propiciar uma melhor percepção sobre os processos produtivos e as condições de trabalho de empreendedores informais de confecções de Caruaru-PE.

3.1.3 Tipo de pesquisa quanto ao delineamento da pesquisa

Para o delineamento da presente pesquisa foi utilizado o estudo de campo. Segundo Gil (2010) o estudo de campo procura se aprofundar nas questões propostas, evidenciando determinadas relações ou ocorrências. Estuda-se um único grupo ou comunidade em termos de estrutura social, ressaltando as interações existentes entre seus componentes. A pesquisa de campo sugere ao pesquisador realizar a observação minuciosa do objeto de estudo e como ele se comporta no seu ambiente real. Na presente pesquisa o estudo de campo foi escolhido no intuito de analisar os processos produtivos e as condições de trabalho dos produtores informais, evidenciar suas principais características para assim compreender como funciona a dinâmica produtiva do local.

3.2 População e amostra

A presente pesquisa utilizou como população produtores informais de confecções de Caruaru. Segundo dados do relatório do Sebrae (2013) estima-se que a cidade de

Caruaru possuía cerca de 3.568 unidades produtivas informais de confecções, representando 78,7% do número total de unidades produtivas informais do Agreste pernambucano. Da estimativa colocada, se optou por abordar os microempresários da confecção, selecionados de acordo com as seguintes características: ter seu próprio empreendimento, atuar na informalidade, executar todo processo produtivo das peças ou sua maior parte, ser dono da sua produção e decidir a quem vender as peças produzidas. O tipo de amostra escolhida foi a não probabilística por conveniência. Gil (2010) aborda que na amostra não probabilística por conveniência o pesquisador seleciona os elementos a que tem acesso para que estes possam representar o universo estudado. Assim, foram entrevistados 06 produtores informais de confecções da cidade de Caruaru que se disponibilizaram a contribuir como respondentes da pesquisa.

3.3 Instrumento de coleta de dados

O instrumento escolhido foi à entrevista, segundo Gil (2010) a entrevista é uma técnica em que o pesquisador se apresenta frente ao pesquisado formulando perguntas, para obter os dados necessários para a investigação, sendo a entrevista uma forma de interação social. Gil (2010) aborda a entrevista uma técnica de coleta de dados que detém excelência na investigação social, obtendo com seus resultados vários dados minuciosos da amostra coletada, além de possibilitar a obtenção de dados para diversos aspectos da vida social. As entrevistas realizadas tiveram como fim obter um detalhamento de informações sobre a rotina dos produtores informais e como se dava o desenvolvimento de seus empreendimentos.

As entrevistas foram realizadas por meio de um roteiro estruturado (Apêndice A), elaborado a partir da fundamentação teórica. Com isso, foi criado um roteiro de entrevistas dividido em três partes: perfil do entrevistado, características do processo de trabalho e as condições de trabalho.

A primeira parte denominada de perfil do entrevistado, como o próprio título sugere, buscou identificar o perfil do mesmo, a partir de características como: gênero, faixa

etária, nível de escolaridade, naturalidade, tempo de atuação na produção de confecções, razões que o levaram a empreender e características de microempreendedor informal.

A segunda parte intitulada características do processo de produção tratou de detalhar como acontece o processo produtivo, perguntando sobre localização e ambiente físico (casa ou local específico), obtenção de matérias-primas, as etapas do processo produtivo, a tecnologia empregada (máquinas e ferramentas de acordo com a atividade), o tipo de mão de obra participante e sua quantidade (geral e por atividade), quantidade de produtos produzidos e forma de comercialização dos produtos.

A terceira e última parte, intitulada de condições de trabalho procurou abordar as condições de trabalho adotadas nos empreendimentos informais de confecção, abordando os seguintes pontos: forma de contratação, formas de remuneração, hierarquia, condições do ambiente físico (salubridade, ergonomia, iluminação, ventilação, nível de ruído, higiene do local), divisão de tarefas, controle de produtividade (velocidade de produção e prazos a ser cumpridos), uso de equipamentos de segurança, possibilidade de descanso durante a jornada de trabalho, existência de férias comunicação, motivação e satisfação no trabalho.

3.4 Forma de análise de dados

A forma de coleta de análise de dados escolhida foi à análise de discurso, definida por Chizzotti (2010) como um método de tratamento e análise de informações de textos escritos ou de comunicação oral, visual, gestual, com o objetivo de compreender criticamente o sentido das comunicações e seus conteúdos. A análise realizada nesta pesquisa foi disposta de acordo com as subdivisões do roteiro de entrevista e sua análise foi pautada na revisão bibliográfica. Das entrevistas realizadas foram extraídos trechos relativos aos questionamentos feitos, tratados como unidades de análise, por assunto, envolvendo as diversas respostas dadas aquele assunto.

4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Os dados serão apresentados e analisados separadamente, conforme as subdivisões do roteiro de entrevista: perfil do entrevistado, características do processo de produção e condições de trabalho.

4.1 Características do entrevistado

Quadro 1: Características do Entrevistado

	Micro 1	Micro 2	Micro 3	Micro 4	Micro 5	Micro 6
Gênero	Feminino	Feminino	Feminino	Masculino	Feminino	Feminino
Faixa Etária	26 á 33 anos	26 á 33 anos	34 a 41 anos	34 a 41 anos	De 42 a 49 anos	De 42 a 49 anos
Escolaridade	Ensino Médio Completo	Ensino Médio Completo	Ensino Fundamental Completo	Ensino Médio Completo	Ensino Médio Completo	Ensino Médio Completo
Naturalidade	Caruaru - PE	Caruaru- PE	Brejo do Cruz – PB	Caruaru- PE	Caruaru - PE	Caruaru- PE
Tempo em que atua na produção de confecções	Entre 1 e 5 anos	Entre 6 e 10 anos	Atua há 23 anos	Entre 11 e 15 anos	Atua há 17 anos	Atua há 28 anos
Razões para empreender	Ter o próprio negócio, não ter	Ser independente, trabalhar para si	Encontrou na Sulanca uma oportunidade	Começou por intermédio da irmã	A facilidade de poder	Constituiu família e não teve

	que trabalha r para ninguém .	mesmo e ter renda própria.	e, pois, não tinha escolaridad e e a sua família faz parte do ramo, facilitando sua inserção.	que já era produtora, com isso viu uma oportunida de de ter seu próprio negócio.	cuidar dos filhos e ter seu negócio, além de poder ter uma renda melhor.	como trabalhar fora, então resolveu aprender a costurar e montar seu próprio negócio em casa.
--	---	----------------------------------	--	---	---	---

Fonte: Coleta de dados

Verifica-se que o gênero predominante entre os microempreendedores informais entrevistados é o feminino, sendo apenas um deles do gênero masculino. As faixas etárias demonstram certa paridade, estão distribuídas a cada dois entrevistados. Havendo o predomínio de pessoas jovens e de meia idade (de 26 a 49 anos). Em relação à escolaridade, quase por unanimidade os microempreendedores apresentam o nível médio completo como escolaridade, mostrando que os empreendedores têm um nível básico de conhecimento, não se enquadrando no perfil do relatório Sebrae (2013) que afirmava a baixa escolaridade dos produtores. É importante ressaltar esse avanço na escolaridade, mas tendo o cuidado de considerar que os atuais entrevistados mesmo tendo escolaridade melhor não deixaram de trabalhar na informalidade e continuam sentindo dificuldades em se inserir no mercado de trabalho.

A maioria dos entrevistados tem sua naturalidade na cidade de Caruaru, com isto é possível notar a predominância destes microempreendedores de confecções da região entre os entrevistados, sendo esta modalidade de negócio uma prática cultural característica do local.

No que diz respeito a tempo de atuação na área de confecções, todos os entrevistados diferem no tempo que exercem a atividade, notando-se a dinamicidade deste tipo de produção, embora a maioria deles já esteja atuando nesta atividade há mais de 15 anos.

Em relação às razões que levaram a começar um empreendimento, a maioria dos entrevistados coloca o termo ter o próprio negócio em evidência, observando com isto mais uma característica da população local, corroborada por Moraes (2013) que destaca o desejo de independência como objetivo predominante de muitos produtores de confecções do Agreste. A ideia de ter seu próprio negócio é muito almejada, pois representa a oportunidade de trabalhar e de ter os lucros para benefício próprio. Outro fato que chama atenção em relação às razões para empreender, são os relatos de duas das entrevistadas (Micro 5 e Micro 6) que colocam o fato de constituir uma família e não poder “trabalhar fora” e com isso criaram seus métodos de terem seu negócio e cuidar da família, isto demonstra também característica bem peculiar da região que é o trabalho doméstico familiar realizado em sua maior parte por mulheres.

4.2 Características do Processo de Produção

Quadro 2: Características do Processo de Produção

	Micro 1	Micro 2	Micro 3	Micro 4	Micro 5	Micro 6
Localização do ambiente de produção	Bairro Santa Rosa, nos fundos da casa onde mora.	Bairro do Salgado, no térreo da casa onde mora.	Bairro Serranópolis, na garagem da sua casa.	Bairro São José 1, no térreo da casa e um “quartinho” no primeiro andar da casa.	Bairro Cidade Jardim fica no primeiro andar da sua casa.	Bairro São João da Escócia, na garagem da sua casa.
Obtenção de matéria-prima	“Compro na loja de tecidos os rolos de tecidos de 100 metros	“Compro na loja de tecidos os rolos de tecidos de 100 metros	Compram direto de fábrica com um revendedor, tecido,	“Eu vou no local onde vende tecidos, uma loja e	“Eu compro numa loja lá no bairro São Francisco”	“A gente compra o rolo completo, nessas casas de

	cada, dependend o da quantidade de peças que vou fazer”.	cada, dependend o da quantidade de peças que vou fazer”.	linha e etiquetas.	compro, geralmente o rolo de tecido”.		tecido mesmo”.
Etapas do processo produtivo	Compra o tecido, terceiriza o corte, faz a preparação para costura, costura acabament o, envia para a lavanderia após isso conferencia das peças, embalagem e guarda para a venda. 9 etapas	“Quando eu compro o tecido vou para o cortador, aí do cortador eu trago para a produção, quando faz a costura eu mando para a lavadeira, aí volta, a gente embala e depois para a feira”. 6 etapas	Compra o tecido, terceiriza as etapas de corte e estampa, fazem costura, acabament o, embalagem , e guardam para enviar para a feira. 7 etapas	[...] “Compra o tecido, a gente corta aqui mesmo que a gente já tem os moldes, aí corta, manda para a lavanderia quando volta, faz a costura, monta tudo, tira o pelo, coloca os enfeites, embala”. 7 etapas	“Depois que eu compro tecido, eu levo para a menina cortar, aí quando a menina devolve, eu boto para estampar, quando vem da estampa a gente confeccion a, monta a peça, tira pelo, embala e separa para a venda.” 7 etapas	“Primeiro a gente vê o que a gente tá precisando para vender na feira, geralmente o que tá em vista na feira, o que o pessoal tá procurando , a gente vai analisar o que vai sair mais rápido, a partir disso vai para o processo de compra de tecido aí manda fazer o risco, aí do risco manda para o cortador. Quando sai do cortador volta para gente e começa a montar a peça. Aí depois que monta, a gente vai para o processo de acabament o, que já é outra área,

						aí faz cóis, travete, caseado, acabamento o de botão, aí lavanderia e embolsar”. 11 etapas.
Máquinas e ferramentas utilizadas	“Uso as máquinas de costura, a interlock, reta e a máquina duas agulha, uso as linhas, zípers, tesoura, sacolas de embalagem .”	“Máquina reta, duas agulha, overlock, travete, caseado, linhas, zípers, botões, tesoura, sacolas de embalagem .”	“No caso aqui galoneira, máquina de duas agulhas que é a ombro e a overlock, aí tem as linhas, agulhas né, as bolsas para embalar.”	A máquina de corte, as máquinas de costura, que são a reta, a duas agulhas, overlock a de travete e a de cóis e a de acabamento, linhas, agulhas e tesouras.	“Máquina overlock, galoneira e ombro a ombro, as linhas, agulhas”.	“A gente usa a interlock, reta, duas agulhas, máquina de braço, travete, cóis e caseado, tem a mesa que é a bancada para embalar e tirar pelo, e serve para enfestar o tecido para cortar, mas no momento eu terceirizo porque fica menos coisa para mim.”
Peças produzidas por semana	Em média 200 peças de shorts	Entre 600 e 700 peças de shorts	Geralmente 2.000 peças de camisas	Entre 100 e 130 peças de	Entre 2.000 e 2.500	Entre 800 a 900 peças de saias

e qual produto produzido	infantis masculinos	masculinos , infantil e adulto.	masculinas.	saias femininas.	peças de pijamas infantis e camisas masculinas	infantis e adultas
Formas de comercializar	Na feira de Toritama- Pe e na Feira da Sulanca em Caruaru- PE	Na feira da Sulanca em Caruaru- Pe	Revende para outra pessoa de outra cidade, e algumas vezes revende para uma pessoa de Caruaru.	No Moda Center, localizado na cidade de Santa Cruz do Capibaribe - Pe.	Revende na feira da Sulanca em Caruaru- PE	Revende na feira da Sulanca em Caruaru- PE e pela internet, anunciando seus produtos nas redes sociais.
Participantes do processo por atividade	“Aqui só fica eu e meu marido, nos dividimos nas atividades” .	“Umás quatro já comigo. Eu e mais três pessoas, a divisão vai do que tem para fazer”.	Três pessoas, duas geralmente ficam nas máquinas de overlock, outra na galoneira e uma auxiliar para parte de tirar pelo, arrumar as peças e embalar.	Três pessoas, onde duas fazem todo o processo produtivo e uma fica como auxiliar, mas se necessário participa do processo produtivo.	“São quatro pessoas comigo, para fazer a peça, todo mundo faz tudo, gosto que todo mundo saiba de tudo para se caso alguém faltar não ficar sem fazer alguma parte, ou	Dependend o da quantidade que será produzida, são seis pessoas participantes, onde todas fazem tudo.

					demorar mais”.	
--	--	--	--	--	----------------	--

Fonte: Coleta de dados

No primeiro item da caracterização do processo produtivo, onde é declarada a localização do ambiente de produção, todos os microempreendedores são de bairros distintos, sendo estes 06 bairros de baixa renda (Cidade Jardim, São João da Escócia, São José I e Serranópolis, Salgado e Santa Rosa) justificando o desenvolvimento de produção informal e seu predomínio nestes locais e verificando-se também que a produção informal de confecções é realidade de um grande nicho da cidade. Outro fato que chama a atenção é que todos os microempreendedores têm seu empreendimento atrelado à casa: em algum anexo, um quarto no primeiro andar, na garagem. Porém, são cômodos separados do espaço reservado à vida familiar. Com este fato, constata-se a característica dos empreendedores locais utilizar como base da estrutura física do negócio parte do espaço familiar, em função de ter pouco capital e de ser o negócio da família.

A obtenção de matéria prima dos produtores se caracteriza da mesma forma entre 5 dos entrevistados, compram seus tecidos em lojas convencionais, mostrando um poder de compra limitado, mais próximo da compra de varejo. Apenas 01 das entrevistadas compra a sua matéria-prima direto de fábrica. Outro fato importante é que a maioria reconhece apenas o tecido como matéria-prima. Os aviamentos, os enfeites e outros materiais não são mencionados.

Com relação às etapas do processo produtivo, foram percebidas várias características comuns a este tipo de produtor: a quantidade de etapas do processo produtivo é menor

em comparação ao processo formal de confecção, mantendo uma média de sete etapas, as mais comuns são a costura, o acabamento e a embalagem. A maioria dos produtores terceiriza a etapa de corte e a etapa da lavanderia, porque em função das máquinas e insumos que precisa para estas etapas, o custo é alto para manter uma produção de peça inteira. Por isso, foi possível ver que estes fabricos ou micro negócios, não fabricam a peça completa, mas parte dela, pois terceirizam as etapas mais caras. Os terceirizados destas etapas são as facções, sem elas os fabricos não conseguem finalizar suas produções. As facções também atuam na informalidade, portanto, também colaboram como sustentação dos fabricos, estando em interação constante dentro do circuito da produção informal.

Em relação às máquinas e ferramentas vemos que há diversidade nos modelos de máquinas utilizados, que em sua maioria se encontram em bom estado de conservação ou novas, isso representa a existência de uma especialização tecnológica na produção. Em relação às ferramentas utilizadas, nota-se uma limitação entre o que é reconhecido como ferramentas, onde os entrevistados mencionam como ferramentas tesoura, linhas, zíperes, sacolas de embalagem, botões, agulhas. Não há uma separação clara para eles de ferramentas e aviamentos, demonstrando uma visão técnica limitada quanto à produção.

As peças produzidas nos empreendimentos variam bastante, de acordo com cada microempreendedor, eles fazem peças distintas, entre peças infantis e adultas. Em relação às quantidades produzidas observa-se também uma variação, onde são produzidas quantidades menores em alguns empreendimentos, uma média de 100 peças por semana, entre saias femininas e shorts masculinos infantis (microempreendedores 01 e 04) e alguns empreendimentos que possuem um volume produtivo maior, onde produzem em média 2.000 á 2.500 peças semanais (microempreendedores 03 e 05) entre pijamas e camisas masculinas, com isto evidencia-se a diversidade produtiva dos microempreendedores, tanto relacionada ao tipo de produto produzido, como a quantidade produzida.

Observa-se nos empreendimentos onde se produz quantidades altas de peças que estes têm maior quantidade de maquinário disponível para produção do que os que produzem quantidades de peças pequenas, geralmente possuidores de poucas máquinas.

Em relação à comercialização das peças produzidas, 05 dos entrevistados comercializam suas peças na cidade de Caruaru, dentre estes um comercializa (microempreendedor 01) também na cidade de Toritama. O Microempreendedor 04 é o

único dos entrevistados que comercializa na cidade de Santa Cruz do Capibaribe. Esta interação na comercialização das peças produzidas destina-se às feiras da Sulanca dentro das cidades núcleo do Polo, evidenciando, de um lado, um ciclo de atividades informais: produz na informalidade, utiliza facções na produção e comercializa na informalidade também e, por outro, o grande movimento econômico ativado por estes produtores na extraordinária concentração espacial desta atividade em torno das cidades de Caruaru, Santa Cruz do Capibaribe e Toritama.

Os participantes do processo produtivo em suas quantidades também se distinguem entre os entrevistados, cada produção tem a quantidade que se adequa a sua realidade produtiva, variando de duas a seis pessoas por local produtivo. Em relação às atividades exercidas, a maioria dos microempreendedores entrevistados relata que todos que participam do processo produtivo sabem fazer todas as etapas que compõem o processo, com isso nota-se que apesar de haver diferentes etapas no processo produtivo, não há uma divisão técnica do trabalho no sentido da especialização de atividades.

Eles são trabalhadores multifuncionais e praticam a rotatividade de funções no grupo, isso implica em certa independência, pois com todos os participantes sabendo fazer todas as etapas do processo, a produção estará menos dependente se algum deles precisar faltar. Verifica-se na forma de trabalhar um teor forte de trabalho em grupo e não de divisão técnica do trabalho.

4.3 Condições de Trabalho

Quadro 3: Condições de Trabalho

	Micro 1	Micro 2	Micro 3	Micro 4	Micro 5	Micro 6
Contratação de funcionários	“Não faço contratação de ninguém, só quem trabalha sou eu e meu	“Eu sabia que eles já sabiam trabalhar então chamei para me ajudar”.	“Uma já tinha trabalhado com minha família e a outra já conhecia há mais de	“Como é só a gente da família mesmo, não teve isso, é só a gente mesmo”.	“No caso, uma é minha irmã que ensinei a ela para trabalhar comigo, e as outras duas eu conhecia e sabia	[...] “Eu coloco a placa, e pergunto você trabalha em que tipo de máquina”?

	marido”.		quatro anos já, trabalhava com uma colega minha e venho trabalhar comigo”.		que elas sabiam costurar, aí chamei e deu certo”.	Aí o essencial para mim é que saiba em todas. [...] “O que interfere para a pessoa ficar ou não é se der a produção que espera”.
Funcionários da família	“Meu marido me ajuda na confecção, mas ele não é funcionário.”	A mãe e um primo.	“Não, nenhum não”.	Os dois filhos.	“Sim, tem minha irmã”.	“Minha filha ajuda as vezes, quando ela resolve trabalhar comigo”.
Remuneração dos funcionários	“Nós tiramos nosso lucro das vendas das peças vendidas nas feiras”	“Eu pago um salário fixo mesmo, no fim do mês”.	“Eu pago um salário fixo mesmo, no fim do mês”.	“Pago por semana e é um salário, toda semana eu pago um dinheiro para no final do mês dar um salário”.	“Eu pago um salário fixo mesmo”.	“Eu pago um salário fixo”
Hierarquia na produção	“Eu faço a maior parte da produção e digo o que meu marido deve fazer”.	“Eu mesmo, digo o que cada um tem que	“Sou eu mesmo que digo às coisas que tem para fazer para elas”	“Eu digo o que tem que se feito, digo aos meninos às coisas que tem para fazer”.	“Sou eu mesmo que fico com a parte de dizer	“Eu digo o que elas tem que fazer”

		fazer”.			como tem que ser as produções e que tem que fazer”.	
Iluminação	“Tem lâmpadas aqui das maiores e uma lâmpada ao lado das máquinas caso precise de mais luz. A iluminação foi feita pelo electricista ele colocou do jeito que eu achei que ficaria melhor”.	“Tem 04 lâmpadas grandes, o electricista que colocou assim”.	“Não, não só o que o quanto mais iluminação melhor, fora isso mais nada, tem 03 lâmpadas grandes e mais duas das menores perto das máquinas”.	“Não, a gente tenta deixar o mais iluminado possível, as lâmpadas que tem tá bom, mas às vezes no serão a gente coloca mais alguma quando acha necessário”.	“É normal, a gente tenta deixar o mais iluminado que dá, para não ficar ruim de costurar, tem as lâmpadas na parte de cima, mas eu deixo uns bocal do lado de cada máquina no caso de precisar de mais luz, eu coloco lâmpada lá também”.	“Eu coloco pela necessidade de cada uma delas, quanto mais iluminação tiver melhor, cada uma tem do lado de uma fluorescente daquelas que não esquenta, e tem em cima e ao lado de cada máquina, vai dependendo da localização que a máquina tiver a gente adapta, e da necessidade de cada pessoa”.

Limpeza	Diariamente, após a produção uma limpeza simples, e as sextas feiras, uma limpeza mais cuidadosa, feita por ela mesma.	“Eu mesmo varro, todo dia eu varro no final do dia e as máquinas na sexta quando termina a produção”.	“A gente termina, de costurar e apanha, no caso o que sobra das costuras, e coloca no lixo e pronto, todos os dias”.	“A gente limpa quando termina de costurar, limpa o chão e as mesas das máquinas”.	“Sou eu, todos os dias, faço uma limpeza para tirar o excesso, varro tudo, aí quando é final de semana faço uma faxina geral”.	“Diário, Terminou o expediente, todo mundo faz, o banheiro é dividido por pessoa, todo dia uma lava, aí a que lava o banheiro não faz limpeza. As que não limpar o banheiro limpa as máquinas e limpa o ambiente de trabalho”.
Ventilação	“Não, quando fica muito quente eu peço o ventilador para colocar aqui”.	“Tem dois ventiladores que a gente usa aqui”	“Não, tem não, tem uma abertura de ar [...] o vento circula, a não ser quando tá muito quente mesmo, aí a gente coloca ventilador”.	“Só a janela aberta mesmo, que é grande aí ventila bem”.	“Tem ventilador e tem janelão, a janela que fica aberta o dia todo para ventilar”.	“Tenho essa abertura aqui, que se você chegar aqui você vai sentir o peso do vento (risos) e ali aquele ventilador ali, e tem uma grade ali no portal”.
Controle de ruído	Não possui.	Não possui.	Não. [...], “A maioria das costureiras	“Sim, tem. Tem umas máquinas	“Não, elas trabalham com fone,	“Elas não querem não, é para usar,

			não gostam de usar os protetores”.	que não fazem tanto barulho, aí a gente não usa. A que faz mais barulho é a de travete, aí a gente usa aquele abafador, o que parece um fone de ouvido, é o único que a gente usa”.	mas é ouvindo música”.	mas elas não querem, e como minhas máquinas não são aquelas de tanto barulho, ai a zuada que tem é pouca, elas não mais silenciosas, eu só não coloco porque elas não querem”.
Ergonomi a nos instrumentos	Não utiliza, prefere usar bancos e cadeiras convencionais.	Não utiliza, faz uso de bancos e cadeiras de plástico.	Não são ergonomicamente corretos, tem ciência da necessidade destes.	Não são ergonomicamente corretos, tem ciência da necessidade destes instrumentos .	Não. Utilizam cadeiras convencionais que se sentem mais confortáveis.	Não são ergonomicamente corretos, tem ciência da necessidade destes instrumentos .
Divisão de tarefas	“Eu bato os bolsos nas traseiras e coloco os zíperes na frente e desenho a	“Eu fecho, a minha mãe coloca o zíper, outro coloca	“Eu trabalho na parte do abanhado, a menina trabalha na parte de ombrar, fechar,	“No caso todo mundo faz tudo, eu não faço muito a produção por que não tenho muita	“Todo mundo faz tudo sabe”.	Divide por etapas e subdivide para quem tem mais prática em certa atividade

	berguilha, meu marido traveta as frentes e presponta” .	bolso cada um fica fazendo cada parte, ai a gente fica revezando e todo mundo faz tudo”.	colocar manga e fazer acabamento e a auxiliar que organiza, tira os pelos e embala”.	pratica, mas os meninos fazem tudo”.		
Controle da produção	“Eu bato os bolsos nas traseiras e coloco os zíperes na frente e desenho a berguilha, meu marido traveta as frentes e presponta” .	“Tem produção por dia não, a gente faz até a sexta, se na sexta a gente terminar mais cedo, já começa adiantar o da próxima semana”.	“A meta da gente é trabalhar de segunda a sexta e fazer as duas mil peças”	“O controle que a gente tenta é o do ganho do dia, por exemplo, o salario mínimo, mil reais se for dividido em cinco dias, dá cinquenta o dia, então a gente não pode deixar que o dia seja menos de cinquenta reais por dia, cinquenta ou mais por dia”.	“É tem, no controle de peças eu peço para sair no mínimo 700 á 750 peças por dia”.	[...] “Dependend o da mercadoria eu tiro para cada costureira cinquenta, sessenta peça por dia, ai elas tem que bater essa meta, ai se elas não consegue bater aí a gente vai para o serão”.
Equipamento de	Não Possui.	Não Possui	Não Possui	Não Possui	Não Possui	Não Possui

segurança						
Jornada de trabalho	9 horas de trabalho por dia.	9 horas de trabalho por dia.	8 horas de trabalho por dia.	9 horas de trabalho por dia.	8 horas de trabalho por dia.	9 horas de trabalho por dia.
Intervalo durante a jornada de Trabalho	“Se eu precisar resolver alguma coisa eu saio para resolver e continuo a costura quando volto”	“Só para almoçar mesmo, de meio dia até uma e meia”.	“Sai às vezes para comer alguma coisa rapidinho”.	“Intervalo mesmo não, mas a gente sai rapidinho quando tá com fome para fazer um lanchinho, tomar água e volta”.	“Assim, elas saem um pouquinho para tomar um cafezinho de manhã e às vezes a tarde também”.	“Tem... tem quinze minutos de manhã e quinze minutos á tarde”.
Possibilidade de férias	“Férias não, mas no fim de ano a gente fica dez dias sem produção e no carnaval também”.	“Não, no fim de ano tem dez dias de folga e no carnaval também”.	“Não, tem umas folgas, que as folgas que a gente tem é que para uma semana em Dezembro e uma semana no carnaval”.	“Não, tem os feriados que a gente tira. O carnaval a gente tira também, se for uma semana a gente tira a semana e em Dezembro também os dias de festa”.	“Não, tira não”.	“Não, por que nenhum são registrado, eu não tenho firma aberta ainda não”.
Comunicação	“Como só sou eu e meu marido, é bem tranquilo,	“Eu digo como eles tem que começar a fazer e eles vão fazendo”.	“Eu mesmo passo as informações, só tem duas pessoas mesmo não	“Eu vejo como tá a produção, o que tem para fazer e repasso para	“Não, é comigo mesmo, eu vejo o que precisa fazer e digo como tem	Repassa as atividades a serem distribuídas a uma auxiliar, que

	eu digo o que tem para fazer e ele faz, e eu faço minha parte”.		dá trabalho não de falar o que tem que fazer”.	os meninos”.	que ser a elas”.	repassa para as outras funcionárias.
Motivação ou Desmotivação com o trabalho	“Eu me sinto motivada, tenho muita vontade de crescer, de aumentar meu negócio e crescer na vida e me esforço muito, por isso me sinto muito motivada e satisfeita”.	“Eu gosto do meu trabalho, é do meu suor, e tenho possibilidade de crescer na vida, gosto de estar aqui todos os dias é para o meu melhor”.	“Eu me considero muito motivada, são 23 anos aqui, se eu não fosse motivada, já tinha desistido, tem seus altos e baixos, mas me senti muito satisfeita e motivada aqui, tenho minhas coisinhas hoje graças aqui, eu gosto demais daqui”.	“A gente aqui é motivado sim, só é a gente mesmo, a gente trabalha para conquistar coisas melhores, para ampliar a produção, depois eu quero fazer um galpão aqui no quintal só para produção, a gente quer crescer, é nosso aqui, tudo que melhorar é para gente”.	“Eu me sinto motivada, há muito tempo assim, e fiz minha vida assim, acordo disposta todo dia para fazer minhas coisinhas”.	Considera-se motivada e a todos que trabalham no ambiente, de acordo com o que nota da vivência do dia a dia. Utiliza de reuniões para melhorar a satisfação de todos.

Fonte: Coleta de dados

A contratação de funcionários feita pelos microempreendedores informais, em nenhum dos casos se assemelha com os tipos de contratações burocráticas, em que para se inserir na empresa o candidato necessita passar por algumas etapas, como recrutamento e seleção. Nestas confecções, a maioria das contratações acontecem por indicações pertencente às redes de relacionamentos e de amizades, traço marcante nessa forma de fazer negócio desde o início da Sulanca. Os proprietários já conhecem as pessoas escolhidas e suas habilidades com costura por intermédio de outras pessoas do seu círculo de convivência, ou são da família mesmo. Na maioria dos casos, são inseridas automaticamente na produção.

Outra constatação a ser feita é que entre os entrevistados, uma ou mais pessoas da sua família fazem parte do quadro de funcionários. Há algumas variações de parentesco, com isto cria-se uma maneira própria de gerir as pessoas da sua produção, o trabalho familiar adotado na produção de confecções aparece como uma garantia da contratação informal, pois é um combinado entre parentes, todos envolvidos no mesmo negócio.

A remuneração é feita de forma unificada em grande parte dos empreendimentos informais, onde é pago um salário fixo aos funcionários da produção. Com essa medida, nota-se uma preocupação do produtor informal em manter uma média salarial, como forma de pagamento, similar ao que é feito nas empresas formais. Estima-se que este salário fixo corresponda ao salário mínimo, mas não há como afirmar com certeza, pois não quiseram declarar o valor do salário. Se não proceder a essa equiparação com o salário mínimo, outra medida deve ser adotada para os pagamentos.

Em relação à hierarquia no ambiente da produção, os proprietários detém total poder de decisão sobre a produção, onde tomam todas as decisões necessárias não tendo nenhuma subordinação em relação a cargo ou poder, acumulam em si os diversos cargos de poder que poderia haver numa produção formal de confecções. Não foi mencionado aceitação de opiniões ou críticas por parte dos funcionários, mas isso não quer dizer que não exista, apenas não foi levado em consideração. Um fato a ser ressaltado em relação à hierarquia é sobre a predominância feminina no comando das confecções, onde estas comandam todas as partes do empreendimento, desde a compra de insumos até como será a revenda das peças, evidenciando mais uma vez o grande quantitativo de mulheres que estão inseridas no trabalho informal de confecções, que advém desde a origem do Polo de confecções.

Analisando-se os itens iluminação, limpeza, ventilação, controle de ruídos e a ergonomia dos instrumentos, itens ligados diretamente ao trabalho no processo

produtivo, verifica-se que a iluminação nas produções é feita baseada no que os proprietários acham melhor, não é levado em consideração nenhuma especificidade técnica ou padrão estabelecido. Não valorizam a iluminação natural, preferem apostar na colocação de mais lâmpadas.

No caso da ventilação nenhum microempreendedor apresenta um sistema estruturado de ventilação, todos utilizam de algum tipo de improviso, como abertura no teto ou janelões para facilitar a entrada natural de ar, preferem investir na compra de ventiladores. A limpeza no ambiente de produção é feita todos os dias, numa ação conjunta entre funcionários e proprietários, não há nenhuma pessoa responsável especificamente por esta atividade, ao contrário de empresas formais onde há uma ou mais pessoas definidas para tal atividade.

Quanto ao controle de ruídos na produção, nenhum dos entrevistados utiliza qualquer proteção para ruídos e o que chama atenção é o fato de em alguns casos os funcionários não gostarem de usar, então recusam a utilizar mesmo podendo ser prejudicados a longo prazo. A ergonomia nos instrumentos utilizados não existe nos empreendimentos informais, em nenhum dos casos utiliza-se de equipamentos realmente adequados, porém nota-se certo reconhecimento desta necessidade perante os microempreendedores, mas devido às condições financeiras baixas, não tem a possibilidade de obter estes equipamentos.

A partir de todo este contexto exposto, é notória a precariedade nas condições das produções informais, sendo esta realidade de produtores informais onde se esforçam ao máximo para fazer o melhor que podem com a renda que conseguem e instrução e habilidades que tem.

A divisão das atividades acontece de forma variada, metade dos entrevistados reveza nas atividades onde todos sabem fazer todas as etapas e alguns deles dividem de acordo com a habilidade de cada colaborador para que a produção seja mais eficaz. Isso complementa as informações expostas no processo produtivo sobre a divisão de atividades, todos sabem fazer tudo, o funcionário multifuncional deste tipo de negócio não lida com especialização individual de atividades. Lida com especialização de várias tarefas, sabendo como proceder em cada uma. O trabalho em grupo é mais forte do que o trabalho especializado. Também podemos lembrar que todos limpam o ambiente de produção e até trazem de casa as cadeiras onde preferem se sentar.

Em relação ao controle da produção, na maioria dos empreendimentos acontece de forma não estruturada, não há definição de metas exatas, ou planejadas, vai de acordo

com qual produto será feito, geralmente a meta é garantir a entrega dos produtos ao fim da semana.

Em relação a aparelhos de segurança nenhum dos entrevistados tem nenhum item de segurança na produção. Essa lacuna corresponde a não considerar possibilidades de acidentes ou acontecimentos imprevisíveis. O planejamento da empresa prevê produção, venda e lucro.

A jornada de trabalho adotada na maioria dos empreendimentos é de nove horas diárias, onde os participantes só têm na maioria dos casos uma hora de almoço, diferindo do que adota empresas formais que tem suas diretrizes baseadas na Consolidação das Leis Trabalhistas – CLT, de acordo com o **Art. 58**, declara que a duração normal do trabalho, para os empregados em qualquer atividade privada, não excederá de 8 (oito) horas diárias, desde que não seja fixado expressamente outro limite. A CLT declara também no **Art. 71** - Em qualquer trabalho contínuo, cuja duração exceda de 6 (seis) horas, é obrigatória a concessão de um intervalo para repouso ou alimentação, o qual será, no mínimo, de 1 (uma) hora e, salvo acordo escrito ou contrato coletivo em contrário, não poderá exceder de 2 horas de intervalo.

Com isto é notório uma jornada totalmente diferenciada do que é praticado em empresas formais, evidenciando uma característica própria de gerir os empreendimentos informais, onde criam e mantêm sua própria jornada. Relacionado com isso, os funcionários de todos os empreendimentos também não tem possibilidade de férias, apenas folgas em feriados prolongados, nota-se que os microempreendedores têm um modelo próprio em que há um combinado de trabalho contínuo para gerar ganhos contínuos. Também é possível perceber que a jornada de trabalho, o pagamento fixo, as metas de produção e alguns dias de descanso são à base dos contratos de trabalho.

Os intervalos durante a jornada de trabalho também não são padronizados, intitulados na maioria dos empreendimentos como “dão uma saidinha para lanche e beber água” evidenciando ainda mais a “maneira familiar” adotada para regular o tempo de trabalho.

A comunicação no ambiente de produção dos entrevistados funciona baseada na centralização sob os proprietários e nas informações anteriores sobre hierarquia. Do mesmo jeito que centralizam as tomadas de decisão, também centralizam a distribuição das atividades, dos comunicados e das necessidades do dia. O nível hierárquico é único e forte.

Todos os microempreendedores se mostraram bem motivados com seus empreendimentos. Dizem-se muito satisfeitos com os resultados que suas produções alcançam, advém do esforço deles e com isso tem a oportunidade de ter vidas melhores e galgar caminhos mais altos. Com estas características estes microempreendedores se aproximam dos empreendedores que realizam seus objetivos, mesmos estes microempreendedores concretizando seus trabalhos na informalidade e enfrentando suas diversas barreiras, porém, acontecem de forma limitada e precária, não havendo uma certeza de expansão do negócio e aumento de ganhos, o mais certo mesmo é a sobrevivência.

4.4 Observação Direta através de registros fotográficos

Figura 1: Local da produção do Microempreendedor 01



Fonte: arquivo da coleta de dados

Figura 2: Local da produção do Microempreendedor 01



Fonte: arquivo da coleta de dados

Figura 3: Local da produção do Microempreendedor 02



Fonte: arquivo da coleta de dados

Figura 4: Local da produção do Microempreendedor 02



Fonte: arquivo da coleta de dados

Figura 5: Local da produção do Microempreendedor 02



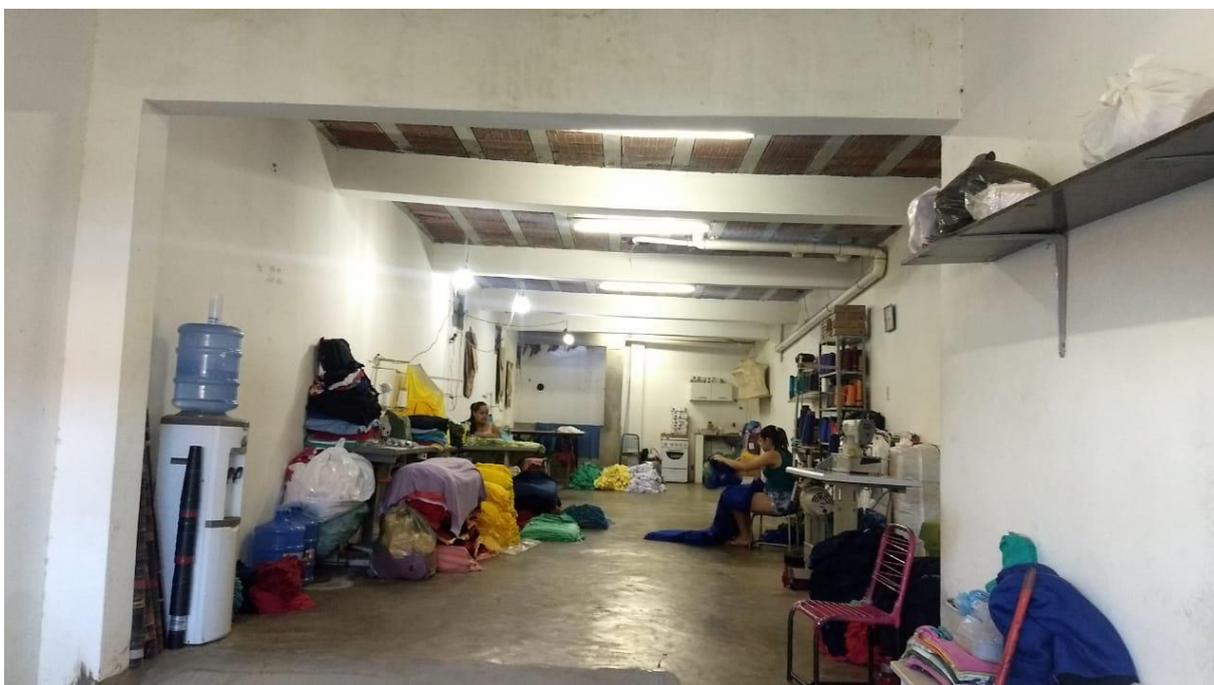
Fonte: arquivo da coleta de dados

Figura 6: Local da produção do Microempreendedor 02



Fonte: arquivo da coleta de dados

Figura 7: Local da produção do Microempreendedor 03



Fonte: arquivo da coleta de dados

Figura 8: Local da produção do Microempreendedor 03



Fonte: arquivo da coleta de dados

Figura 9: Local da produção do Microempreendedor 03



Fonte: arquivo da coleta de dados

Figura 10: Local da produção do Microempreendedor 03



Fonte: arquivo da coleta de dados

Figura 11: Local da produção do Microempreendedor 04



Fonte: arquivo da coleta de dados

Figura 12: Local da produção do Microempreendedor 04



Fonte: arquivo da coleta de dados

Figura 13: Local da produção do Microempreendedor 04



Fonte: arquivo da coleta de dados

Figura 14: Local da produção do Microempreendedor 04



Fonte: arquivo da coleta de dados

Figura 15: Local da produção do Microempreendedor 04



Fonte: arquivo da coleta de dados

Figura 16: Local da produção do Microempreendedor 05



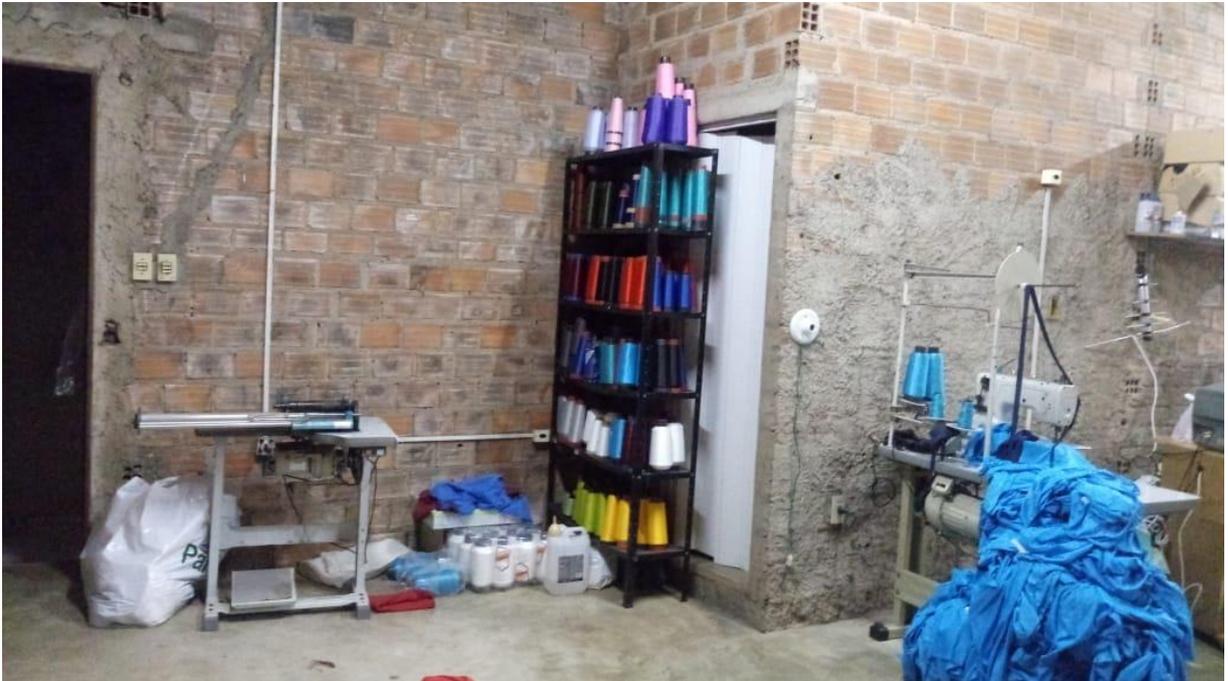
Fonte: arquivo da coleta de dados

Figura 17: Local da produção do Microempreendedor 05



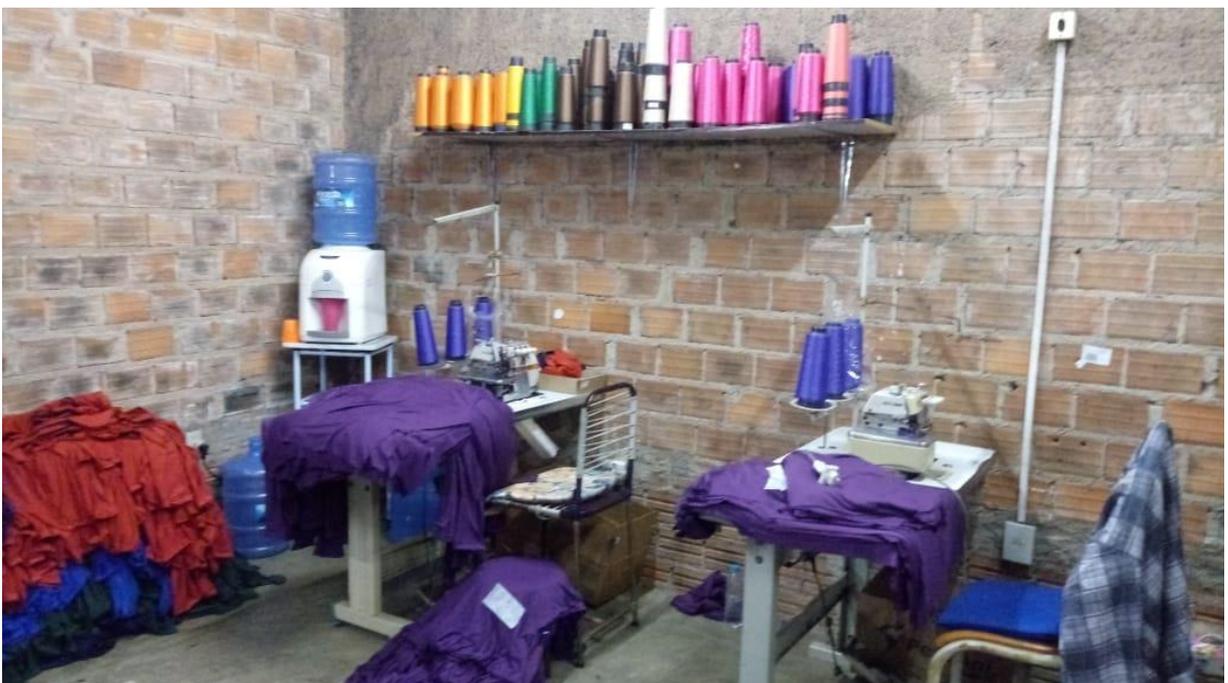
Fonte: arquivo da coleta de dados

Figura 18: Local da produção do Microempreendedor 05



Fonte: arquivo da coleta de dados

Figura 19: Local da produção do Microempreendedor 05



Fonte: arquivo da coleta de dados

Figura 20: Local da produção do Microempreendedor 06



Fonte: arquivo da coleta de dados

Figura 21: Local da produção do Microempreendedor 06



Fonte: arquivo da coleta de dados

Figura 22: Local da produção do Microempreendedor 06



Fonte: arquivo da coleta de dados

Figura 23: Local da produção do Microempreendedor 06



Com a exposição do ambiente produtivo do microempreendedores algumas características podem ser observadas, como a precariedade estrutural nos ambientes produtivos. A maioria não são estruturas físicas acabadas, em alguns casos sem o acabamento mínimo. Com o empreendimento 02 nota-se a estrutura de laje inacabada, com uma rede de fios expostas, nos empreendimentos 03 e 04 nota-se a estrutura de laje também inacabada e pisos também inacabados, no empreendimento 05 as paredes estão inacabadas, sem reboco ou pintura. De forma geral nota-se uma falta de estrutura física em todos os empreendimentos, onde os empreendedores estão tentando melhorar seus empreendimentos aos poucos, da forma que suas condições na informalidade permitem.

Em aspectos gerais, a maioria dos empreendimentos são locais amplos, o empreendimento 02 e 03 são os maiores entre os entrevistados, as máquinas estão dispostas de forma a ajudar no andamento na produção, uma após a outra para que no processo de produção as peças passem para cada máquina de forma mais rápida, para o processo ser finalizado da forma correta e mais rápida possível. Porém, o espaço de uma máquina para outra é limitado, o espaço aloca uma pessoa sentada para produção. A maioria do maquinário dos empreendimentos é nova ou está em bom estado.

Uma característica bem peculiar nota-se com as imagens dos empreendimentos, em todos eles há uma junção da vida cotidiana com o ambiente produtivo, no ambiente do microempreendedor 02 pode-se ver cerâmicas, tintas, argamassas e um carro em meio ao ambiente da produção, além de peças produzidas amontoadas pelo chão, mostrando como as duas realidades se misturam. No ambiente produtivo do microempreendedor 06 também essa junção de realidades é notória, em meio à produção pode-se ver uma churrasqueira, bicicletas e alguns utensílios em meio às máquinas.

A iluminação utilizada nos empreendimentos se enquadra na necessidade da produção, na maioria dos casos, tem iluminação ampla e possibilidade de adaptar se caso precise de mais pontos de luz, onde tem lâmpadas ou bocais ao lados das máquinas para serem utilizados em caso de serão ou se necessitar de mais luz para realizar determinada atividade.

Comprova-se também com os registros fotográficos como são os sistemas de ventilação, iluminação, ergonomia e itens de segurança, vão de acordo com os relatos dos entrevistados, onde estes pontos não são estruturados realidade esta de produtores informais que não obtém o amparo necessário para melhoria das suas atividades.

5 CONCLUSÃO

O objetivo geral deste estudo foi analisar os processos produtivos e condições de trabalho adotadas por microempreendedores de confecção, em Caruaru/PE, para entender a dinâmica da produção informal local. Pretendeu-se com o presente estudo contribuir para compreensão de processos e condições de trabalhos de produtores informais de confecção, a fim de formular um entendimento de como se estrutura a dinâmica de organizações produtoras informais. O alcance do objetivo geral foi desmembrado nos objetivos específicos.

O primeiro objetivo específico foi descrever a intensidade da informalidade na produção de confecções no Agreste de Pernambuco. Esta informalidade se dá de forma histórica e continua, portanto intensa, nos empreendimentos. Este fato nota-se desde a estrutura física dos empreendimentos, atrelados às casas dos proprietários, passando pelos motivos que levaram os proprietários a montar seu negócio, em geral desemprego e empreendimento por necessidade, chegando à comercialização das peças serem feitas nas feiras, ou seja, a produção informal vendida no comércio informal, à maneira como é conduzido o processo produtivo, como são feitas as contratações e em sua jornada de trabalho própria, tudo regido pela informalidade, trazendo as relações de parentesco e amizade para compor as relações de produção.

No segundo e terceiros objetivos onde se pretendeu registrar os esforços de empreendimento e caracterizar o processo produtivo em microempresas informais da confecção, foi possível observar a precariedade dos produtores informais, tanto em suas instalações como em seu processo produtivo, onde os mesmos utilizam do conhecimento e recursos que conseguem, entre seus pares, para manter seus negócios, se sobressaindo como podem das adversidades, não tendo o amparo necessário por meio dos poderes públicos para ajuda-los ou incentiva-los.

O quarto objetivo procurou caracterizar as condições de trabalho em microempresas informais de confecção, com a pesquisa pode-se concluir que a maioria dos empreendimentos envolve a estrutura familiar, tanto física, pois todos os empreendimentos se alocam em alguma parte da casa destes como os familiares em si, que na maioria dos casos participam direta ou indiretamente da confecção, por isso não há necessidade de uma regulação oficial da produção ou do trabalho.

Outra característica predominante é a maioria da presença feminina em todos os empreendimentos informais, elas são maior parte ou todo o quadro de funcionários. Nota-se que os microempreendedores têm um modelo próprio de contratação de trabalho, sendo a jornada de trabalho, o pagamento fixo, as metas de produção e alguns dias de descanso a base dos seus contratos. O complemento produtivo das confecções informais são as facções, onde um mantém o outro, pois a maioria dos empreendedores terceiriza com as facções parte do seu processo produtivo, um alimenta o outro.

O quinto e último objetivo foi identificar os desafios e dificuldades enfrentados pelos microempreendedores na condição de informalidade, onde os produtores informais tem que fazer serão alguns dias para bater meta de produção, não tem cadeiras ergonômicas para trabalhar, não tem equipamentos de segurança, não utilizam de um tipo de controle de ruídos, tem uma jornada de trabalho onde não tem possibilidades de férias, todos estes fatores permeados pela condição de produtor informal, além de enfrentar as vendas nas feiras.

A produção não tem um planejamento detalhado e registrado, raras vezes se dá com base num apanhado sobre o mercado, mas o normal é que aconteça a partir de indicações de conhecidos sobre quem pode comprar ou encomendar a produção, ela é realizada a partir de encomendas feitas ou a expectativa de vender na feira.

Na produção a infraestrutura é precária em termos de iluminação, de ventilação, e em todos os outros fatores. A compra de matéria prima também não leva em consideração nenhum aspecto relevante. A contratação de pessoas é baseada em conhecimento de terceiros ou indicações de amigos, onde o que necessário para a contratação é saber utilizar as máquinas e saber executar as etapas da produção. A maneira como são comercializada as peças faz parte da realidade informal, onde a venda das peças é feita na feira. Com todos estes métodos expostos fica clara a maneira própria de trabalho destes microempreendedores: métodos limitados, imediatos, ordinários, precários, com base na ação cotidiana, destinados à garantia da subsistência, à margem do mercado formalizado. O sucesso destes empreendimentos se dá com a criatividade dos seus executores, pois suas condições são limitadas, é a simplicidade, a flexibilidade, a falta de normalização, de fiscalização, de continuidade da informalidade que permite a sobrevivência de grande número de pessoas num estilo de produção anterior ao taylorismo e o fordismo.

A produção, as vendas, o lucro e a movimentação do comércio acontecem como em qualquer economia, mas no Agreste Pernambucano, na produção informal de

confeções, acontece sem regulação, sem muitas exigências, de forma contínua, mas sem participar dos padrões formais da Administração e do mundo empresarial.

REFERÊNCIAS

ABDI, **Relatório de Acompanhamento Setorial Têxtil e Confecção**. Volume 1. 2008. Disponível em: <https://old.abdi.com.br/Estudo/textil%20e%20confeccao%20dez%2008.pdf>. Acesso em 11 de Fevereiro de 2019.

AGRESTE TEX. **Descubra a importância do polo têxtil do Nordeste para o Brasil**. Disponível em: <http://agrestetex.fcem.com.br/ descubra-a-importancia-do-polo-textil-do-nordeste-para-o-brasil/> Acesso em 10 de Fevereiro de 2019.

ANDRADE, Bruno Alves de. **Distribuição espacial da indústria têxtil e de confecção em Pernambuco: qual a influência dos fatores locais**. Dissertação (Mestrado) Universidade Federal de Pernambuco, CAA, Programa de Pós-Graduação em Economia, 2016.

ARAUJO, C.A. L; PEREIRA, C. F. **A indústria de confecções em Pernambuco: impactos e oportunidades em um cenário pós-ATC (Acordo sobre Têxteis e Confecções)**. XIII SIMPEP - Bauru, SP, Brasil, 6 a 8 de Novembro de 2006.

BARBOSA, O conceito de trabalho informal, sua evolução histórica e o potencial analítico atual: para não jogar a criança fora junto com a água do banho In: VÉRAS DE OLIVEIRA, Roberto; GOMES, Darcilene. **Marchas e contramarchas da informalidade do trabalho: das origens às novas abordagens**. João Pessoa, ed. UFPB, 2011.

BELTRÃO, Napoleão Esberard de Macedo. **Breve História do Algodão no Nordeste do Brasil**. 2003.

BEZERRA, O trabalho das mulheres na origem e desenvolvimento do Polo de Confecções do Agreste de Pernambuco In: VÉRAS DE OLIVEIRA, Roberto Veras de; SANTANA, Marco Aurélio. **Trabalho em territórios produtivos reconfigurados no Brasil**: João Pessoa: ed. UFPB, 2013.

BIERMANN, Maria Julieta. Espindola. **Gestão do processo produtivo**. Porto Alegre: SEBRAE/RS, 2007.

BORGES, L. O; COSTA, M. T. P; BARROS, S. C; ALVES FILHO, A; FALCÃO, J. T. R; LEITE, C. P. R. L. A; SOUZA, A. L. R. **Questionário de condições de trabalho: reelaboração e estruturas fatoriais em grupos ocupacionais**. Avaliação psicológica. Belo Horizonte, 2013.

BRASIL. **Consolidação das Leis trabalhistas**. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/topicos/10759954/artigo-58-do-decreto-lei-n-5452-de-01-de-maio-de-1943> Acesso em 21 de Set. de 2019.

BRASIL. Consolidação das Leis trabalhistas. Disponível em:

<https://www.jusbrasil.com.br/topicos/10758754/artigo-71-do-decreto-lei-n-5452-de-01-de-maio-de-1943> Acesso em 21 de Set. de 2019.

BRASIL- 5º maior produtor têxtil e 4º maior produtor de vestuário do mundo. 2018. Disponível em: <https://medium.com/@descartext/brasil-5%C2%BA-maior-produtor-t%C3%AAxtil-e-4%C2%BA-maior-produtor-de-vestu%C3%A1rio-do-mundo-d5dfbb9fcc25> Acesso em: 12 de out. de 2018.

BURNETT, A. As raízes da feira da sulanca no Agreste pernambucano. Revista Extensão Rural, DEAER-CCR-UFSM, Santa Maria, v.21, n.4, out/dez.2014.

CACCIAMALI, Maria Cristina. Um estudo sobre o setor informal urbano e formas de participação na produção. Tese. Faculdade de Economia e Administração da Universidade de São Paulo. São Paulo, 1982.

CARRIERI, A. P., PERDIGÃO, A. D. e AGUIAR, C. R. A.(2014) A gestão ordinária dos pequenos negócios: outro olhar sobre a gestão em estudos organizacionais. Revista Adm, v. 49, n 15, p 699, out/nov./dez. 2014.

CASTRO, Marcos Tadeu Moraes de 2018. Uma aplicação dos conceitos de Organização do Trabalho para melhoria do processo produtivo de uma linha de fabricação de placas de circuito impresso. Revista eletrônica UNISEPE. Disponível em:

http://portal.unisepe.com.br/unifia/wpcontent/uploads/sites/10001/2018/06/5aplicacao_conceitos.pdf. Acesso em 28 de abril de 2019

CHIZZOTTI, A. Pesquisa em ciências humanas e sociais. 11 ed. São Paulo: Cortez, 2010.

CORRÊA, V. S; REIS, R. F; VALE, G.M.V. Motivações para o Empreendedorismo: Necessidade Versus Oportunidade? ANPAD. Rio de Janeiro. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rac/v18n3/v18n3a05.pdf>

DIEHL, A. A. **Pesquisa em ciências sociais aplicadas: métodos e técnicas**. São Paulo: Prentice Hall, 2004.

EMIDIO, L. F. B; MENEZES M. S. **Gestão de design nas MPEs do vestuário de moda: o caso da região Londrina**. 2009. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/mw22b/pdf/menezes-9788579830426-04.pdf>. Acesso em: 27 de março de 2019.0,

FADE/ UFPE/ SEBRAE: Recife PE, 2003. **Relatório de Pesquisa**. Disponível em: < www.sebraepe.com.br >. Acesso em: 25 de janeiro. 2019.

FARIA, H. P; WERNECK, M. A. F; SANTOS, M. A; TEIXEIRA, P. F. **O processo de trabalho e seus componentes**. 2019.

FERREIRA, M.O; VASCONCELOS, S. L. **Caracterização da economia informal no Polo de confecções do Agreste pernambucano**. Julho de 2010.

FGV. Fundação Getúlio Vargas. **Informalidade**. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/550/2170.pdf>. Acesso em 02 de Maio de 2019.

FREIRE, Claudia. **Da condição de trabalhador à condição de empresário: estratégias de sobrevivência em um contexto de subdesenvolvimento**. Curitiba: Editora Appris, 2019.

GEM, **Empreendedorismo no Brasil**. 2017. Relatório Executivo. Disponível em: https://m.sebrae.com.br/Sebrae/Portal%20Sebrae/Anexos/Relatório%20Executivo%20BRASIL_web.pdf. Acesso em 03 de maio de 2019.

GIL, A. C. **Métodos de pesquisa social**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GUNN PHILIP, DE BARROS CORREIA, TELMA. **A industrialização brasileira e dimensão geográfica dos estabelecimentos industriais**. Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais (RBEUR) 2005. Disponível em: <https://rbeur.anpur.org.br/rbeur/article/view/134/118> . Acesso em 21 de março de 2019

HIRISH, Robert D; PERTES, Michael P; SHEPHERD, Dean A. **Empreendedorismo**. 7 ed. Bookman, 2009.

IEMI – Instituto de Estudos e Marketing Industrial. **Relatório setorial da indústria têxtil brasileira**. São Paulo: Brasil Têxtil, 2002.

JORENTE e LOPES. **A indústria Têxtil no Brasil: uma perspectiva histórica e cultural**. Revista ModaPalavra e-periódico, v.8, n.15, p.156-157,jan./jul.2015.

LIMA, Alexandre. Empreendendo a Sulanca: o SEBRAE e o Polo de Confecções do Agreste de Pernambuco In: VÉRAS DE OLIVEIRA, Roberto; SANTANA, Marco Aurélio. **Trabalho em territórios produtivos reconfigurados no Brasil**: João Pessoa: ed. UFPB, 2013.

LIMA, B. L; COSTA, S. M; **Trabalho informal: Uma revisão sistemática da literatura brasileira na área de Administração entre 2004 e 2013**. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cebape/v14n2/1679-3951-cebape-14-02-00310.pdf>. Acesso em 10 de maio de 2019.

LIMA, Jacob Carlos. **Novas formas, velhos conteúdos: diversidade produtiva e emprego precário na indústria do vestuário**. Revista Política e Trabalho, n.15, p.121-139, João Pessoa, set. 1999.

LIMA, Juliana Galdegan; SANSON, João Rogério; 2008. **O Surto de industrialização do setor têxtil a partir 1880: Blumenau e Brasil**. Disponível em: http://www.ufjf.br/heera/files/2009/11/artigo_5.pdf. Acesso em 09 de Fevereiro de 2019

MARQUES. J.R. **Qual o conceito de gestão organizacional**. Blog. 12 de junho de 2019. Disponível em < www.jrmcoaching.com.br/blog/qual-e-definicao-de-gestao-organizacional/. Acesso em 30 de Julho de 2019.

MAXIMINIANO, A. C. A. **Introdução á Administração**: 7º ed. rev. e ampl. São Paulo: Atlas, 2010.

MELLO, M. C. V. **Uma análise sobre a abertura do mercado brasileiro para a indústria têxtil e de confecções no Nordeste no período de 1989 a 2000**. 2004

MORAES, Da casa à feira: trabalho independente e estratégias econômicas no Polo de Confecções do Agreste Pernambucano In: VÉRAS DE OLIVEIRA, Roberto; SANTANA, Marco Aurélio. **Trabalho em territórios produtivos reconfigurados no Brasil**: João Pessoa: ed. UFPB, 2013.

PAIVA, Rebeqa Spindola de Almeida. **Modelo para observação das etapas produtivas em empresas de confecção**. Juiz de Fora, ed. UFJF, 2010.

PICCININI, V. C; ALMEIDA, M.L; OLIVEIRA, S.R. **Sociologia e administração: relações sociais nas organizações**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.

SANTOS, Ester Oliveira. **Caracterização, biodegradabilidade e tratabilidade do efluente de uma lavandeira industrial**. Dissertação de Mestrado Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2006.

SANTOS, L. C; ALBUQUERQUE, B. K. G. A; CARMO, K. C. **Polo industrial de vestuário pernambucano: o caso de Santa Cruz do Capibaribe**. 2013

SEBRAE Pernambuco. **Estudo econômico do arranjo produtivo local de Confecções do Agreste Pernambucano**: Relatório final serviço de apoio às micro e pequenas empresas do estado de Pernambuco. Equipe SEBRAE: Recife, 2013.

SEBRAE. **Lei Geral da Micro e Pequena Empresa** Novembro de 2018. Disponível em <http://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/sebraeaz/lei-geral-completa-10-anos-e-beneficia-milhoes-de-empresas,baebd455e8d08410VgnVCM2000003c74010aRCRD>.

SILVA, Sandra Roberta Alves. **A juventude na Sulanca**: os desafios na inserção no mundo do trabalho em Taquaritinga do Norte/PE. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFCG). Campina Grande, 2009.

SCHUMPETER, J. A. **A teoria do desenvolvimento econômico**. Ed. Abril Cultural, 1982.

STRAUSS, A; CORBIN, J. **Pesquisa qualitativa: Técnicas e procedimentos para o desenvolvimento da teoria fundamentada**. 2 ed. Porto Alegre: Bookman, 2008.

VÉRAS DA SILVA, Alcir. **Algodão e indústria têxtil no Nordeste**: uma atividade econômica regional. Natal: Ed. Universitária, 1980.

VÉRAS DE OLIVEIRA, Roberto; GOMES, Darcilene; TARGINO, Ivan. **Marchas e contramarchas da informalidade do trabalho: das origens às novas abordagens**. João Pessoa, ed. UFPB, 2011.

VÉRAS DE OLIVEIRA, Roberto; SANTANA, Marco Aurélio. **Trabalho em territórios produtivos reconfigurados no Brasil**: João Pessoa: ed. UFPB, 2013.

VIANA, F. L. E. **A indústria têxtil e de confecções no Nordeste: características, desafios e oportunidades**. 2005.

VIANA, F. L. E; ROCHA, R. E. V; NUNES, F. R. M; **A indústria têxtil na região Nordeste: gargalos, potencialidade e desafios**. 2008.

WOITCHUNAS, Lucinéia Felipin; SILVA, Marivane de. **Fundamentos da gestão Organizacional**. Ujuí, ed. Unijuí, 2008.

APÊNDICE A : ROTEIRO DE ENTREVISTA

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO (UFPE)
CENTRO ACADÊMICO DE AGRESTE (CAA)
NÚCLEO DE GESTÃO (NG)
CURSO DE GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO**



PESQUISA:

PRODUTORES INFORMAIS DE CONFECCÕES: PROCESSO PRODUTIVO E CONDIÇÕES DE TRABALHO

Caro (a) empreendedor (a)

Estou realizando a pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) da graduação em Administração (UFPE/Centro Acadêmico do Agreste) sobre produtores informais de confecções. Assim, considerando seu dia-dia no trabalho de produtor, solicito sua valiosa colaboração no sentido de responder ao roteiro de entrevista que segue.

Na condição de pesquisador, asseguro-lhe que as respostas serão utilizadas apenas para fins de pesquisa e assumo o compromisso de manter a fidedignidade das respostas e o seu anonimato. Além disso, comprometo-me a lhe enviar os resultados obtidos nesta pesquisa.

Considero, portanto, que sua resposta ao roteiro de entrevista representa a sua concordância com estes termos e agradeço de antemão por isto.

No mais, gostaria de seu consentimento para usar os dados coletados para fins acadêmicos:

() Concordo () Não concordo

Assinatura: _____

Atenciosamente,

Altiene Cabral dos Santos

E: mail:altiene_cabral@hotmail.com / altycabral54@gmail.com

Fone (81) 99521-8057

PERFIL DO ENTREVISTADO

Nome do entrevistado: _____

Número da entrevista: _____

Data da realização: ____/____/____

1. Gênero:

() Masculino

() Feminino

2. Faixa etária

- De 18 a 25 anos
- De 26 a 33 anos
- De 34 a 41 anos
- De 42 a 49 anos
- Acima de 50 anos

3. Qual o seu nível de escolaridade?

- Ensino Fundamental Incompleto
- Ensino Fundamental Completo
- Ensino Médio Incompleto
- Ensino Médio Completo
- Ensino Superior Incompleto
- Ensino Superior Completo – Qual Curso? _____
- Pós-graduação - Qual? _____

4. Qual sua naturalidade?

5. Há quanto tempo você atua na produção de confecções?

- Entre 1 e 5 anos
- Entre 6 e 10 anos
- Entre 11 e 15 anos
- Acima de 15 anos

6. Quais razões o (a) levou a começar a empreender?

CARACTERÍSTICAS DO PROCESSO PRODUTIVO

7. Onde está localizado seu ambiente de produção?

8. Como funciona a obtenção de matéria prima?

9. Quais são as etapas que compõem o seu processo produtivo?

(Planejamento da coleção, planejamento do processo produtivo, estoque de materiais, risco, enfesto, corte, preparação para costura, costura ou montagem, acabamento, limpeza da peça e inspeção, passadoria, embalagem, estoque de produtos acabados e expedição).

10. Quais máquinas ou ferramentas que são utilizadas no processo produtivo?

11. Qual a quantidade de peças produzidas em média semanalmente?

12. Quantos participam do processo produtivo no geral e como se dividem por atividade?

13. Como as peças produzidas são comercializadas?

CONDIÇÕES DE TRABALHO

14. Como funciona a contratação de funcionários?

15. Algum dos funcionários faz parte da sua família?

16. Como os funcionários são remunerados?

17. Como funciona a hierarquia na produção?

18. Como é a iluminação do local? O que foi levado em conta para a iluminação ser feita?

19. Como funciona a limpeza do ambiente de trabalho?

20. O ambiente de produção possui algum tipo de sistema de ventilação?

21. O ambiente de produção possui algum tipo de controle para ruídos?

22. Os instrumentos utilizados para a produção são ergonomicamente adequados?(cadeiras, mesas de costura, mesa de corte e etc.).

23. Como é feita a divisão das tarefas?

24. Referente ao controle da produção, como funciona? (velocidade de produção e quais prazos para cumprir as tarefas)

25. Na produção é utilizado algum equipamento para segurança?

- 26. Como é a jornada de trabalho adotada pelos funcionários?**
- 27. Os funcionários tem possibilidade de férias?**
- 28. Durante a jornada de trabalho, os funcionários tem algum intervalo para descanso?**
- 29. Como funciona a comunicação no ambiente de trabalho? Como as instruções são passadas para os funcionários?**
- 30. Como é possível perceber se há motivação e satisfação ou desmotivação com o trabalho?**